

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Natália Cecília Rebelo

**FONTES DE INFORMAÇÃO NA REPRESENTAÇÃO DO
IMAGINÁRIO SOCIAL:**
o caso do cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre

Porto Alegre

2012

Natália Cecília Rebelo

**FONTES DE INFORMAÇÃO NA REPRESENTAÇÃO DO
IMAGINÁRIO SOCIAL:**

o caso do cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pelo departamento de Ciências da Informação, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: **Prof. Dra. Jeniffer Alves Cutty**

Co-orientadora: **Prof. Me. Marlise Maria Giovanaz**

Porto Alegre

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof. Dra. Regina Helena van der Laan

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Chefe-Sustituta: Prof. Dra. Sônia Eliza Caregnatto

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof. Dra. Samile Andréa de Souza Vanz

Vice-Coordenadora: Prof. Me. Glória Isabel Sattamini Ferreira

Dados internacionais da catalogação na publicação (CIP)

R289f Rebelo, Natália Cecilia

Fontes de informação na representação do imaginário social :
o caso no cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto
Alegre / Natália Cecília Rebelo ; orientadora Jeniffer Alves Cuty ;
co-orientadora Marlise Maria Giovanaz – Porto Alegre, 2012.

71f. ; il.

1.Cemitérios 2. Fontes de informação 3. Imaginário social
I. Cuty, Jeniffer. II. Giovanaz, Marlise M. III. Título

CDU:025.5

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705

Bairro Santana - Porto alegre – RS

CEP 90035-007

Telefone: (051) 3316-5067

E-mail: fabico@ufrgs.br

**FONTES DE INFORMAÇÃO NA REPRESENTAÇÃO DO
IMAGINÁRIO SOCIAL:**

o caso do cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pelo departamento de Ciências da Informação, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovação em ____ de _____ de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Jeniffer Alves Cuty
(Departamento de Ciência da Informação UFRGS)
Orientadora

Prof. Dra. Lizete Dias de Oliveira
(Departamento de Ciência da Informação UFRGS)

Prof. Me. Artur do Canto Wilkoszynski (UNISINOS)

Dedico este trabalho aos meus amados irmãos Gabriel e Fernanda, por me colocarem nos eixos do mundo com suas brincadeiras barulhentas e questionamentos fantasiosos que só mesmo a sabedoria infantil é capaz de formular.

E dedico este trabalho ao Jonas pelo simples fato de existir! É otimismo para o mundo saber da existência de pessoas como tu! Eu te amo!

AGRADECIMENTOS

Difícil caber numa folha A4 os nomes de todas as pessoas que me ajudaram nessa aventura acadêmica. Mas vamos tentar...

Agradeço, antes de tudo, ao **povo brasileiro**, que mantêm a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pública e de qualidade. Foi com o auxílio de vocês que me mantive aqui. Prometo sempre tentar levar bons retornos.

Agradeço a **toda minha família!** Aos **meus avós** pela criação e dedicação. Vocês são pais multiplicados por dois! Aos meus ídolos de infância e ao mesmo tempo minhas tias lindas e queridas **Alessandra** e **Aline**. À **minha mãe** por toda compreensão nos momentos difíceis. Ao meu tio **Adriano**, sempre tão presente e bem humorado. Aos meus irmãos **Gabriel** e **Fernanda**, pestes que eu amo! Ao **Tiago** pelas palavras, às vezes doloridas, mas sempre tão sábias e verdadeiras. Sem vocês não sei o que eu seria! Muito obrigada!

Agradeço a **todos os amigos e conhecidos** que fiz na faculdade. Sem vocês a FABICO seria cinza e sem vida. Meu agradecimento especial às companheiras fiéis de jornada, **Carol** e **Quel**, pela amizade linda e pela presença em tantos momentos difíceis e alegres. Amo vocês duas!

Aos amigos **André** e **Bruna**, por todo o apoio, principalmente nessa reta final! A amizade de vocês é essencial pra mim!

Agradeço ao **Jonas** pelo inestimável apoio, pelas conversas filosóficas sobre a nossa profissão e por tantas outras coisas que me deixariam escrevendo por mais de três horas. Tu és meu combustível e meu porto seguro, eu te amo!

Agradeço à **Jeniffer**, minha orientadora, pela paciência inesgotável e sabedoria admirável. Te agradeço por me apresentar tantos conceitos maravilhosos e acreditar que eu seria capaz de trabalhar com eles. Agradeço à minha co-orientadora **Marlise** por acreditar na minha idéia desde o início e me lembrar que só eu poderia lutar por ela. Agradeço à banca, professora **Lizete** e Professor **Artur**, por terem aceitado perder um pouco do tempo de suas vidas avaliando este trabalho. Ter a contribuição de todos vocês é uma honra!

Agradeço a **todos os professores** da Faculdade de Biblioteconomia, afinal sem vocês eu não chegaria até aqui.

Agradeço ao professor **Thiago**, admirável pesquisador e melhor professor de História que já tive na escola! Obrigada pelo apoio e por me mostrar o fascinante mundo da pesquisa cemiterial.

Agradeço a **todos os bibliotecários** por me mostrarem na prática como ser uma boa profissional. Em especial às bibliotecárias **June Magda, Lúcia Vidal e Andréa Fontoura**. Para mim vocês são exemplos de sucesso!

Agradeço por fim, a **todos os professores e colegas** da Aliança Francesa de Porto Alegre. Com vocês eu aprendo mais sobre minha profissão, me divirto e ainda de quebra aprendo outro idioma. Merci!

**NÃO VEMOS AS COISAS COMO SÃO:
VEMOS AS COISAS COMO SOMOS.**
(Anais Nin)

RESUMO

Este trabalho objetiva verificar quais as formas de representações do imaginário social podem ser percebidas nas fontes de informação cemiterias. Relaciona os conceitos de fonte de informação com o paradigma pós-custodial trazidos neste trabalho por Silva (2006) e reúne conceitos sobre cemitérios e sobre Imaginário Social. Utiliza metodologia Benjaminiana explicadas por Pesavento (2002) e Bolle (1994) específica para abordagens com imaginário, cujo nome é técnica de montagem por justaposição. Aplica tal metodologia em um estudo de caso no cemitério da Santa casa de Misericórdia de Porto Alegre. Estabelece corpus específico para a análise a partir dos cinco roteiros de visita propostos no sítio deste cemitério. Aplica os conceitos de fonte de informação aos cemitérios e discorre acerca da construção do imaginário social através dos monumentos funerários analisados.

Palavras-chave: Fontes de informação; Imaginário social; Cemitério.

RÉSUMÉ

Ce travail a l'objectif de vérifier quelles sont les formes de représentations d'imaginaire social qui sont perçues dans les sources d'informations aux cimetières. Il relie les concepts de source d'information avec le paradigme après-guerre. Il réunit les concepts sur cimetière et sur l'imaginaire social. Utilise la méthodologie Benjaminienne expliquée par Pesavento (2002) et Bolle (1994) qui est spécifique pour la recherche d'imaginaire. Cette technique s'appelle technique de montage par juxtaposition et elle a été appliquée au cimetière de la Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Elle établit des types de tombeaux spécifiques pour permettre l'analyse selon les cinq circuits de visite qui sont offerts dans le site du cimetière analysé. Applique les concepts de source d'information aux cimetières et discute sur la construction d'imaginaire social selon les monuments des funérailles analysés.

Des clés-mots: Sources d'information; Imaginaire Sociale; Cimetière.

Lista de quadros

Quadro 1	Classificação das Fontes de Informação.....	21
Quadro 2	Contextualização informacional do corpus de pesquisa.....	43
Quadro 3	Tipologias das informações cemiteriais, segundo Bellomo	45

Lista de fotografias

Fotografia 1	Túmulo de Júlio Prates de Castilhos.....	48
Fotografia 2	Túmulo de Pinheiro Machado.....	51
Fotografia 3	Túmulo de Otávio Francisco da Rocha.....	53
Fotografia 4	Túmulo de Afonso Emílio Massot.....	56

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
2.1	Fonte de informação e o paradigma pós-custodial.....	19
2.2	Imaginário social.....	27
2.3	Cemitério.....	31
3	METODOLOGIA.....	39
4	RESULTADOS.....	43
4.1	Fontes de informação aplicadas ao cemitério.....	43
4.2	Lendo túmulos.....	47
4.2.1	Júlio Prates de Castilhos.....	47
4.2.1.1	<i>O Homenageado em seu espaço/tempo.....</i>	<i>47</i>
4.2.1.2	<i>Análise descritiva.....</i>	<i>48</i>
4.2.1.3	<i>Análise representativa.....</i>	<i>49</i>
4.2.2	José Gomes Pinheiro Machado.....	50
4.2.2.1	<i>O Homenageado em seu espaço/tempo.....</i>	<i>50</i>
4.2.2.2	<i>Análise descritiva.....</i>	<i>51</i>
4.2.2.3	<i>Análise representativa.....</i>	<i>52</i>
4.2.3	Otávio Francisco da Rocha.....	52
4.2.3.1	<i>O Homenageado em seu espaço/tempo.....</i>	<i>53</i>
4.2.3.2	<i>Análise descritiva.....</i>	<i>53</i>
4.2.3.3	<i>Análise representativa.....</i>	<i>54</i>
4.2.4	Afonso Emílio Massot.....	55
4.2.4.1	<i>O Homenageado em seu espaço/tempo.....</i>	<i>55</i>
4.2.4.2	<i>Análise descritiva.....</i>	<i>55</i>
4.2.4.3	<i>Análise representativa.....</i>	<i>56</i>
4.3	Túmulos como fonte de informação na composição do imaginário social.....	57
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
	REFERÊNCIAS.....	63
	ANEXO A – Roteiro religioso.....	67

ANEXO B – Roteiro cívico celebrativo.....	68
ANEXO C – Roteiro político.....	69
ANEXO D – Roteiro positivista.....	70
ANEXO E – Roteiro de história social.....	71

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia é o resultado de uma inquietante indagação existente no percurso acadêmico da autora desde o segundo semestre da faculdade. A Biblioteconomia, por missão, transforma pessoas em sujeitos questionadores, aptos a trabalharem com a informação e sua interação social, sua disseminação, sua organização e tantas outras coisas a ela relacionadas.

Dentre a avalanche de novas informações e conhecimentos existentes no curso, alguns conceitos são muito mencionados, outros nem tanto. No topo dos mais frisados, encontra-se o que chamamos de conceito e ao mesmo tempo objeto ganha pão do profissional bibliotecário: as fontes de informação. As fontes de informação são mencionadas no início do curso e suas particularidades e diferenças são aprofundadas em todo o decorrer da trajetória universitária. Em uma das tantas disciplinas cujo objeto são as fontes de informação, eis que existiu o seguinte trabalho final requisitado: a criação de uma biografia de uma importante personalidade do Município de Teutônia.

O exercício, muito bem elaborado pelos ministrantes da disciplina ocasionou numa verdadeira investigação por parte de todos os alunos, que no início recorriam às fontes de mais fácil acesso: livros e internet. O susto ficou por conta da percepção de que absolutamente nenhum livro e nenhum blog ou sítio nos davam quaisquer informações sobre a tal personalidade a ser biografada. Foi só aí que a estudante iniciante do curso de Biblioteconomia compreendeu o valor e importância na abrangência que as fontes de informação poderiam ter.

O que se sucedeu foi diversas entrevistas, telefonemas e viagem a campo, a fim de enriquecer a biografia. Foi na viagem a campo para o município de Teutônia, que a estudante teve o que foi considerada uma grande ruptura paradigmática em relação aos limites de uma informação e seu suporte. Informações como nomes dos filhos e da esposa do biografado não tinham sido encontrados com grande precisão. Foi então que surgiu a sugestão de visitarmos o cemitério na qual a personalidade estava enterrada.

Chegamos perto de nosso biografado. Perto da sua última morada. E esta nos mostrou todos os dados que faltava-nos: nomes, datas e até fotos.

Mostrou-nos um apaixonado pela música, onde o túmulo dizia: “Quem conseguir tocar os meus instrumentos, os levará de presente.” E principalmente mostrou à estudante que até mesmo o cemitério tem coisas a dizer, tem informações em túmulos para serem interpretadas e lidas. A estudante vislumbrada e ainda no início do curso universitário se perguntou: quantas outras coisas igualmente fascinantes poderiam nos fomentar informações? De quantas outras maneiras? O que se percebeu na trajetória acadêmica foi que algumas fontes de informação são mais estudadas do que outras.

Com base nesta percepção surgem assim, as primeiras perguntas: por que priorizamos a leitura de signos lingüísticos? E por que priorizamos o estudo de algumas fontes de informação em detrimento de outras? A informação pode chegar através de narrativas, através de uma pintura, de uma fotografia, de uma música. E serão informações igualmente válidas. A diferença está na forma de leitura e compreensão.

Uma das explicações a tal indagação estaria no fato de que, músicas, pinturas e até mesmo arquiteturas, contém muito do ponto de vista dos compositores, pintores e arquitetos na hora de suas criações. E então caímos em mais uma pergunta: existe um modo de se ausentar do que se produz? Não seriam todas as fontes de informação, um ponto de vista dos autores que as produzem?

Resolvemos unir todos estes questionamentos no trabalho final da graduação em Biblioteconomia. O que se sucedeu foi uma audaciosa tentativa em compreender de que forma as fontes de informação contém a percepção de seu produtor. De que forma essa percepção se dá ao leitor. De que maneiras nós, da Biblioteconomia, podemos partilhar ideias em relação às fontes de informação ditas “não tradicionais”?

Para a lapidação correta do tema partimos da premissa dita por alguns autores, de que tudo o que nos cerca no mundo é percebido através de imagens que jogamos à mente. Nossas formas de vê-las se relacionam com nossa vida em esfera individual e coletiva. Pensar “pontos de vista” estaria no campo das representações imagéticas. E o conceito de representações permeia tanto o indivíduo isolado no seu íntimo, quanto o conjunto de indivíduos que forma o coletivo e o social. O que se seguiu nessa linha de

raciocínio foi a descoberta de uma teoria metodológica completamente nova para a estudante de Biblioteconomia: o imaginário. Foi pelo convite da orientadora que a estudante se deparou com o trabalho denso da professora Sandra Pesavento no campo do imaginário.

Através das reflexões de Pesavento (2002), vislumbramos as manifestações imagéticas que nos rodeiam nas cidades como provenientes do chamado imaginário social. Este pode ser caracterizado como “[...] sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo.” (PESAVENTO, 2004, p. 43).

Através do pensamento da pesquisadora, notamos que as manifestações do imaginário são tensões perpassadas através da história e que aparecem representadas no cotidiano através das chamadas representações. (PESAVENTO, 2002).

Então, partindo desta constatação ficamos incumbidos de propor uma aproximação - que num primeiro momento parecia ser distante - entre fontes de informação sob a ótica da Biblioteconomia e as teorias de imaginário social propostas por historiadores, antropólogos, filósofos e outros tantos pesquisadores de diversas áreas. Esta teorização busca adentrar em um universo que muitas vezes pode passar despercebido pelo profissional da informação, assim como trata Milanesi (2002), quando nos diz que muitas vezes, em bibliotecas, um documento é tido como neutro e sem subjetividades.

Ao mesmo tempo em que formulamos a hipótese de que fontes de informação podem ser resultantes dos mais diversos imaginários que compõem uma sociedade, também buscamos elencar o fato de pensar a informação fora das custódias institucionalizadas, bibliotecas, arquivos e museus. Essa especificidade visa apontar, acima de tudo, como a informação pode ser percebida nos mais diversos lugares possíveis.

O que se resultou, foi a lembrança do cemitério utilizado no segundo semestre como subsídio informacional e, portanto, resolvemos escolhê-lo como objeto de estudo. Para exercitar nossas teorias formalizamos o seguinte problema de pesquisa: **Como o conjunto documental analisado caracteriza-se como fonte de informação de modo a compor o imaginário social?**

O conjunto documental mencionado encontra-se no cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre e refere-se a quatro túmulos específicos. A escolha deste *corpus* obedeceu a critérios que se encontram explanados na metodologia deste trabalho. A monografia se divide em três eixos sendo o primeiro o referencial teórico, o segundo a explanação dos métodos utilizados para realização da pesquisa e o terceiro a análise dos dados, que visa mesclar os conceitos do referencial teórico utilizado aos resultados obtidos, na pretensão de se visualizar um quarto elemento: um aprimoramento na formulação do problema de pesquisa reavaliando as formas de pensar as fontes de informação em diferentes suportes.

Para se alcançar esta possibilidade reflexiva e interpretativa estabelecemos como objetivo norteador, a verificação de quais formas de representação do imaginário social podem ser percebidas nas fontes de informação cimiterias. E para tal verificação introduzimos duas metas específicas. Primeira: aplicar os conceitos de Fontes de informação utilizados na Biblioteconomia ao contexto dos cemitérios; Segunda: repensar as fontes de informação contidas no cemitério da Santa Casa de Misericórdia sob a ótica do Imaginário Social.

O referencial teórico se subdivide nos três assuntos que circundam a pesquisa: fontes de informação, imaginário social e cemitérios como *locus* e *corpus* de pesquisa. No capítulo de Fontes de informação fazemos um paralelo com o paradigma pós-custodial, a fim de elucidar que tal paradigma se estabelece como aliado ao profissional da informação dando um caráter mais holístico à profissão e justificando as abordagens em fontes de informação fora do contexto das bibliotecas arquivos e/ou museus.

A metodologia se dá de forma discursiva em um único texto e segue orientações teóricas de Willi Bolle (1994). As análises se subdividem em duas categorias que são explicadas ao longo do trabalho e tais categorias são aplicadas em cada túmulo analisado separadamente, de forma a compor quatro análises, visto ser esse o *corpus* de estudo conforme explica-se na metodologia.

Pretendemos através deste exercício teórico metodológico demonstrar a apropriação dos conceitos aqui propostos e contribuir para o diálogo e a

partilha de ideias acerca dos assuntos pertencentes ao universo da Biblioteconomia. Visamos o caráter questionador do profissional e sua capacidade de estar sempre refletindo a sua profissão e discutindo as teorias de seus principais objetos de estudo e trabalho: a informação e suas fontes.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico em trabalhos de conclusão de curso demonstra a escolha do autor quanto aos conceitos utilizados para embasar teoricamente sua ideia e demonstrar compreensão do que já foi pesquisado e dito sobre os respectivos assuntos da pesquisa. Abaixo segue o referencial teórico dividido nos temas centrais da presente monografia: fontes de informação e o paradigma pós-custodial, seguido da revisão de conceitos sobre imaginário social e, por fim, os conceitos de análise de cemitérios no contexto histórico e científico ocidental.

2.1 Fonte de informação e o paradigma pós-custodial

Fonte de informação é um dos assuntos mais presentes na realidade biblioteconômica. Compreender os conceitos de informação nos seus principais suportes e formatos é primordial para o correto entendimento e execução da prática. Aqui iremos esclarecer de que forma se dá os discursos de fonte de informação na ótica da Biblioteconomia na atualidade.

Começaremos com Le Coadic (2004) e Borko (1968 apud ARRUDA, 2009, p. 34), que são autores clássicos e muito mencionados em nossa área. Estes nos dizem que a Biblioteconomia é uma das “disciplinas aplicadas” da Ciência da Informação (CI) e, como em toda e qualquer disciplina aplicada, não estaria em seu cerne os paradigmas filosóficos e epistemológicos de seu objeto de estudo¹. Embora o cenário atual já contribua para uma mudança

¹ Para maiores detalhes acerca dos paradigmas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação mencionados neste parágrafo, ver:

ARRUDA, Maria Izabel Moreira. Biblioteconomia ou Ciência da Informação? In: BORGES, Maria Manoel; CASADO, Elias Sanz (coord.). **A Ciência da Informação Criadora de Conhecimento**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. v.1. p. 31-40.

LE COADIC, Yves-Francois. **A ciência da informação**. 2.ed. Brasília, DF : Briquet de Lemos/Livros, 2004. 124 p.

OLIVEIRA, Marlene de. Origens e evolução da Ciência da Informação. In: _____ (org.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

paradigmática, na qual Ciência da Informação (CI) e suas “disciplinas aplicadas” (Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia) dialoguem numa partilha mútua de contribuições, conforme nos diz Araújo (2011), ainda percebemos o discurso de fonte de informação na Biblioteconomia de forma bastante descritiva e didática.

No cenário acadêmico atual, as discussões e contribuições acerca de fontes de informação possuem caráter especializado. Os trabalhos dão enfoques de acordo com o suporte específico a qual estão abordando, como por exemplo, o uso de fontes de informação do ponto de vista literário (GAUDÊNCIO; BORBA, 2010)², (PAGGI; CORREA, 2012)³; do meio eletrônico (RODRIGUES; CRESPO, 2004)⁴, (CRESPO, 2007)⁵ e da internet (TOMAÉL, et al., 2001)⁶, (SALES; ALMEIDA, 2007)⁷. A contribuição inestimável e essencial dada por estes autores supracitados ao conhecimento da área não será abordada. O que queremos mostrar com tais exemplos é o caráter de abordagem existente na literatura de fontes de informação, que em geral

² GAUDÊNCIO, S. M.; BORBA, M. do S de A. O cordel como fonte de informação: a vivacidade dos folhetos de cordéis no Rio Grande do Norte. **Biblionline**, João Pessoa, v. 6, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000009196&dd1=d9b20>> .Acesso em: 02 set. 2012.

³ PAGGI, L.; CORREA, E. Revista Bravo!: análise de um periódico não científico como fonte de informação na área literária. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, São José, v. 17, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000011759&dd1=96256>> .Acesso em: 02 set. 2012.

⁴ RODRIGUES, A. V. F.; CRESPO, I. M. Fonte de informação eletrônica: o papel do bibliotecário de bibliotecas universitárias. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Campinas, v. 2, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000003906&dd1=9e22d>> .Acesso em: 02 set. 2012.

⁵ CRESPO, I. M. Serviços e fontes de informação eletrônicas: mudanças verificadas através de um estudo das áreas de biologia molecular e biotecnologia. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, São José, v. 12, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000008036&dd1=b995a>> . Acesso em: 02 set. 2012.

⁶ TOMAÉL, M. I.; et al. Avaliação de fontes de informação na internet: critérios de qualidade. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 11, n. 2, 2001. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000001061&dd1=c2437>> Acesso em: 02 set. 2012.

⁷ SALES, R. de.; ALMEIDA, P. P. de. Avaliação de fontes de informação na internet: avaliando o site do NUPILL/UFSC. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000007467&dd1=5a2fa>> . Acesso em: 02 set. 2012.

remete os autores às conceituações específicas ao suporte com o qual estão trabalhando. E a discussão dita mais abrangente acerca dos conceitos de fonte de informação nos leva para um território pouco explorado.

Uma das principais autoras sobre fonte de Informação no campo da Biblioteconomia é Isabel Villaseñor Rodriguez (1998). Esta autora traz uma definição abrangente e satisfatória para fonte de informação e isso, provavelmente, justifica sua permanência teórica até hoje, nos trabalhos em Biblioteconomia. Segundo ela: “[...] com o genérico e amplo termo de “fontes de informação”, se entendem todos aqueles instrumentos e recursos que servem para satisfazer as necessidades informativas de qualquer pessoa, tenham sido criadas para esse fim ou não.” (1998, p. 31). Esta concepção de caráter libertador dá subsídio para afirmarmos que qualquer coisa que atribua algum sentido e significado de informação na vida de uma pessoa, e que possa respondê-lo a algum questionamento, pode ser denominada fonte de informação.

Segundo nos estudos de Villaseñor Rodriguez (1998), a autora apresenta tipologias às fontes de informação que são divididas em diversos segmentos. Em um primeiro momento, a autora subdivide as fontes pela origem das informações. Estas podem ser de origem pessoal, institucional ou documental. A segunda tipologia apresenta os tipos de canal de difusão das fontes que podem ser sonoro ou documental. Outra classificação importante da autora é sobre a abrangência das informações contidas em uma fonte, que podem ser locais, regionais, nacionais, internacionais ou autônomas. Quanto às definições de acordo com o conteúdo, a autora as divide entre fontes de informações gerais (abrangentes) e fontes de informações especializadas (específicas).

O quadro abaixo proposto por Debastianni (2012), calcado nos conceitos de Villaseñor mostra uma fácil visualização das categorias de fonte de informação propostas:

Quadro 1 - Classificação das Fontes de Informação

Por procedência e origem	Pessoais	Institucionais	Documentais		
Por canal de transmissão	Oral	Documental			
Pela cobertura geográfica	Internacional	Nacional	Regional	Local	Autônomo
Pelo grau de cobertura	Total	Média	Insuficiente		
Pelo tipo de informação	Especializada	Geral			

Adaptado de: DEBASTIANI, ALINE MATTE (2012).

Ainda nas afirmações de Villaseñor (1998), as categorias propostas podem se complementarem umas as outras, porém somente a primeira categoria: “procedência e origem” denota a origem da fonte de informação, enquanto que as demais categorias denotam características. (VILLASEÑOR RODRIGUES, 1998).

Nota-se que origem identifica “de onde” surgiu uma fonte e o surgimento não necessariamente tem relação ao conteúdo, menos ainda ao material da qual é feito o suporte desta fonte de informação: se temos uma biografia em audiolivro, não estamos falando de fonte pessoal e, sim, documental, pois se trata de um livro. Porém o canal de transmissão é oral, pois se trata de um audiolivro, e o tipo de informação seria especializado, pois o material trata especificamente da vida do biografado. Se quisermos falar de fontes de informação que forneçam informações sobre pessoas, estas devem ser denominadas de “Fontes Biográficas”. (CAMPELLO; CALDEIRA, 2008).

Na categoria “Canal de transmissão”, nota-se as opções: oral e documental. Fonte de informação de transmissão oral são conferências, palestras, entrevistas, depoimentos e qualquer outra manifestação humana utilizando (na maioria dos casos) voz e linguagem falada para comunicar determinada mensagem. Entretanto, se realizarmos uma entrevista utilizando a Linguagem Brasileira de Sinais com uma pessoa com deficiência auditiva, ainda sim, a entrevista também será denominada Fonte de informação oral.

Quanto ao canal de difusão documental, este inclui a percepção de material pictórico dentro desta categoria de classificação de fonte. Não sendo, portanto, alusivo ao documento escrito, mas também às leituras imagéticas. (Villaseñor, 1998).

Outra classificação possível para as fontes está ligada ao seu conteúdo. Pela maioria dos autores (ELUAN, MONN E NASCIMENTO, 2008), (VILLASEÑOR, 1998), (DIAS E PIRES, 2005), (CAMPELLO; CALDEIRA, 2008), (CUNHA, 2010), as fontes podem dividir-se da seguinte maneira: fontes primárias, secundárias e terciárias. As fontes primárias se caracterizam como documentos que carregam informações com conteúdo não totalmente investigado pelo meio científico. As secundárias como sendo um referencial de pesquisa que remete às primárias e as terciárias são guias complementares para recuperação das informações anteriormente citadas.

Podemos contextualizar a fonte primária como sendo qualquer manifestação humana diretamente registrada por algum canal de transmissão, seja oral, ou documental. É por isso que músicas, filmes, desenhos, fotografias, gravuras, esculturas, e demais manifestações, objetos e documentos também se enquadram nesta categoria. Já as fontes secundárias e terciárias contextualizam-se principalmente no universo científico e da Pesquisa. Um exemplo de fonte de informação secundária são as listas de referência, que remetem a outros documentos, não sendo a própria lista o subsídio teórico para se obter resposta. A fonte terciária, conforme Dias e Pires [...] “muito utilizada entre as décadas de 50 a 80” (2005, p. 22), consiste em uma compilação das listas de referência de trabalhos sobre determinado assunto. Conforme estas autoras, bibliografias de bibliografias, catálogos coletivos e guias de literatura são exemplos de fonte de informação terciária. (DIAS; PIRES, 2005).

Em seu artigo sobre passagens grátis de 1869 como fonte de informação, Ferreira e Costa (2011) comentam as diferenças e semelhanças entre “fonte de informação” e “fonte histórica”⁸. Para estes autores,

⁸ A alcunha do termo “fonte histórica” não ocorreu rapidamente, tampouco a abrangência do conceito de “fontes históricas” existiu desde sempre junto com a História. Diversas manifestações filosóficas foram

historiadores compreendem que suas fontes históricas são possíveis de serem encontradas em quaisquer vestígios de manifestação do homem através dos tempos, em itens que servem para compreender a trajetória da humanidade. E nesta mesma linha de raciocínio temos na Biblioteconomia concepções igualmente abrangentes, que compreendem com clareza, e sem aparentes exclusões, que as fontes de informação estão muito além dos documentos em papéis com linguagem escrita. (FERREIRA; COSTA, 2011).

Se pensarmos as fontes históricas de acordo com os conceitos de Villaseñor, podemos inferir que fonte histórica é apenas mais uma forma de classificação das fontes de informação, pois as fontes de informação antes de serem históricas, são fontes propriamente ditas. Históricas ou não, seria uma questão de classificação temporal atribuída às fontes. E, neste sentido, temos uma nomenclatura bastante utilizada por historiadores, que remete aos mesmos conceitos trabalhados na Biblioteconomia. (FERREIRA; COSTA, 2011).

O discurso biblioteconômico trabalha as fontes de informação com as finalidades de organização, preservação, e disseminação de tais fontes para a sociedade ou grupos específicos de acordo com o contexto. É por isso que há uma forte preocupação por parte dos principais autores de Biblioteconomia em elucidar as diferenças entre dicionário, enciclopédia, dissertação e sítios digitais. São, portanto, as fontes, - informações registradas e fixas em suporte específico - que salvaguardam a informação que servirá a algum usuário.

Esta relação teórica apresentada se faz necessária para compreendermos os nortes atuais que se dão às discussões acerca de fontes de informação. Podemos perceber, com isso, que a grande maioria dos trabalhos se utiliza dos conceitos e das tipologias de Villaseñor (1998), quando não se referem a um suporte específico. Faremos aqui um gancho com as concepções de Armando Malheiro da Silva (2006), que embora remeta a sua discussão para o âmbito teórico-epistemológico e, portanto, para o âmbito da Ciência da Informação, lembra-nos de que “a emergência de um paradigma

pós-custodial, dinâmico, informacional e científico [germina-se] entre os profissionais da informação, sobretudo no Ocidente” (SILVA, 2006, p.21).

Com base neste paradigma exposto pelo autor supracitado, a informação é considerada “[...] um fenômeno humano e social, que deriva de um sujeito que conhece, pensa, se emociona e interage com o mundo sensível à sua volta e a comunidade de sujeitos que comunicam entre si. Situa-se, pois, entre o conhecimento e a comunicação [...]” (*Ibidem* 2006, p. 24). E tal definição nos sugere que a informação é um processo que se constrói no íntimo da mente humana, passando por uma trajetória que vai tomando forma através da interação, da comunicação e do conhecimento por parte do sujeito, que capta sinais, signos e estímulos sensoriais através do universo que o rodeia.

E, então, o autor chega à discussão da “informação registrada” - a qual ele atribui como sendo sinônimo de “documentação” - e nos diz que “o registro num suporte exterior ao sujeito produtor da informação é algo que acontece *a posteriori*, ou seja, depois da informação já existir na mente humana e insere-se já no processo que visa à comunicação.”. (SILVA, 2006, p. 25). Neste caso, a fonte de informação é antes de qualquer categorização, a informação que quer ser comunicada. A Fonte está mais pendente para o lado da comunicação, do que para a informação propriamente dita.

Enquanto Silva (2006) nos chama atenção para a relação entre informação registrada e comunicação, Villaseñor (1998) nos deixa utilizar como fonte até o que não tenha sido criado para este fim, caso supra alguma necessidade informacional.

Todavia, quando Villaseñor afirma que existem elementos que informam, mesmo não sendo criados com essa finalidade caímos em um campo muito abstrato onde qualquer coisa pode emitir sentido a alguém e subsidiá-lo perante alguma dada necessidade de informação. Acreditamos que nesta linha se encaixam as concepções de informação de Silva (2006), pois é o ser humano sensível que interage com o mundo que fará o julgamento de algo como sendo importante ou não para suprir uma necessidade informacional. E se todos os elementos existentes no mundo subjetivamente podem funcionar com fonte de informação, nosso foco poderia incluir maneiras de mediar estas

concepções e explorar as fontes de todos os contextos que uma sociedade pode oferecer, tanto no âmbito científico, quanto popular, etc.

Seguindo nessa linha expansiva das maneiras de olhar para as fontes de informação e agora que sabemos que elas podem estar em todo lugar, pois isso dependerá quase que exclusivamente do receptor, torna-se fácil compreendermos a aplicabilidade do paradigma pós-custodial de Silva. (2006).

Este paradigma apresenta uma trajetória que desprende a informação da custódia de um único suporte, acervo e/ou instituição específicos ocasionando a mútua relação entre informação e comunicação, mas sendo a primeira essencial para a existência da segunda. O que Silva (2006) nos sugere é que uma mesma informação pode ser transpassada oralmente e ser representada em suportes diferenciados, cuja essência informacional se mantém entre diversas narrativas, diferentes formatos e suportes. O autor ainda afirma que se devem realizar concentrações de estudos que investiguem este fenômeno que se permeia no âmbito humano e social. Em relação ao paradigma pós-custodial, o autor o exemplifica com algumas características:

Valorização da informação enquanto fenômeno humano e social, sendo a materialização num suporte um epifenômeno (ou derivado informacional); Imperativo de indagar, compreender e explicitar (conhecer) a informação social, através de modelos teórico-científicos cada vez mais exigentes e eficazes, em vez de universo rudimentar e fechado da prática empírica composta de um conjunto uniforme e acrítico de modos/regras de fazer, de procedimentos só aparentemente assépticos ou neutrais de criação, classificação, ordenação e recuperação; (SILVA, 2006, p. 21).

Araújo (2011) também tece suas contribuições extremamente atuais ao dizer que:

Os avanços na Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia apontam para a efetiva superação do modelo custodial consolidado no final do século XIX. [...] A CI aparece, então, como campo profíquo para os avanços reivindicados pela evolução das várias teorias desenvolvidas e para fazer dialogarem dentro dela as três áreas. Além disso, constituindo desde o início como ciência é capaz de proporcionar o efetivo espaço de reflexão, buscando superar o caráter eminentemente prático, de aplicação de regras, que as

disciplinas de arquivo, biblioteca e museu trazem de sua origem. (ARAÚJO, 2011, p. 15-16).

O que podemos inferir destas citações é que a contribuição científica é importante para a constante melhoria de abordagens acerca da informação, desde que tenhamos a esfera social como propulsora destes estudos. Além disso, temos em Araújo a ideia da Ciência da Informação (CI) como o lugar comum necessário às três disciplinas. Livre dos seus paradigmas engessadores e provenientes das concepções que eram úteis em épocas anteriores ao século XXI, a Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia encaminham-se para a reflexão informacional em total foco e harmonia com os fenômenos humanos e sociais e não apenas didático e descritivo como ainda vemos atualmente.

Se pensarmos que a recorrência informacional num contexto social coage as representações e concepções individuais e coletivas, veremos que a transmissão de uma informação a um suporte como ato de comunicar tal informação, faz com que o imaginário existente se transmita mesmo que inconscientemente. Neste caso, a materialização da informação - a fonte - transmite o imaginário de quem a representou podendo oferecer outra forma de compreensão acerca da época específica em que tal registro ocorreu e quais as informações ditas subentendidas que a fonte transmite.

Assim, podemos trabalhar com as fontes de informação como resultado de um fenômeno humano e social, que oferece além de seu conteúdo dito mais evidente, as concepções do imaginário de um espaço/tempo definidos. Neste sentido que juntaremos os conceitos de Villaseñor (1998) com o paradigma explicado por Silva (2006), aos conceitos de Imaginário Social, que serão teoricamente mostrados a seguir.

2.2 Imaginário social

Antes de tocar no assunto propriamente dito de imaginário, faremos uma pequena análise das funções de memória social, a qual difere da memória coletiva abordada por Halbwachs (2006). Toda sociedade é baseada em crenças e pensamentos originados do seu tempo histórico. Como define

Pomian (2000), pode-se adentrar ao fato de que qualquer tipo de memória é uma conservação de vestígios de algum ato consumado, seja perpassado pela comunicação entre indivíduos ou pela experiência pessoal.

Pensar a memória significa refletir como ela pode se manter viva, sendo esta a sua capacidade de sobreviver à passagem do tempo cronológico. Sendo um indivíduo portador das mais diversas memórias, sua morte significaria a extinção de sua sapiência e experiência adquiridas durante o tempo vivido. Pensando na lógica do esquecimento, pessoas buscam cristalizar suas memórias através de meios além de sua capacidade mnemônica.

Para o homem, as coisas acontecem de outro modo, porque os vestígios do passado podem ser transmitidos sob a forma de criações exteriores ao próprio organismo, capazes de uma existência autônoma em relação a este último. (POMIAN, 2000, p.507).

Por este viés, os chamados vestígios do passado podem ser enraizados nos mais diversos suportes para se propagarem além da existência de um indivíduo ou de antepassados de uma comunidade. Deve-se atentar ao fato de que a memória coletiva adquire forma quando se começa a pensar em coleções. (POMIAN, 2000). A formação de uma coleção implica retirar a memória do meio narrativo do indivíduo e inseri-la no meio social através da sua capacidade de recriar situações e mitos.

É, pois, a passagem das coleções enterradas em sepulturas, por exemplo as do Egito ou da China antigos, às coleções expostas nos templos ou nos palácios, que marca o nascimento da memória coletiva e transindividual, porquanto dotada de meios de transmissão que as tornam completamente diferente da memória do indivíduo. (POMIAN, 2000, p. 509).

Esta adoção das narrativas de indivíduos gravadas em suportes é característica da formação de uma memória que se deseja durável e isso implica no fato de pensarmos como o imaginário coletivo e social funcionam.

Em termos iniciais, podemos adentrar ao conceito de imaginário refletido por Wilkoszynski (2006) que nos diz que o indivíduo é acumulador de experiências sobre si e o meio. E segue:

[...] com o passar do tempo, ele irá acumular um conjunto de informações que permitirão formular uma visão a respeito de seu próprio mundo. Transportando-se essa relação indivíduo-ambiente para o âmbito coletivo, pode-se assumir que existirão algumas recorrências quanto a estes sonhos, aspirações, necessidades e objetivos. Assim sendo, é dessa forma que se pode compreender a formulação de uma “visão de mundo coletiva”, que gradativamente se torna senso-comum para uma sociedade. Estarão assim criadas as condições para gênese de um “imaginário social”, que pressupõe, portanto, um repertório de sonhos, aspirações, necessidades, objetivos, ideias e imagens o qual será válido para a maioria dos indivíduos desse grupo. (WILKOSZYNSKI, 2006, p. 30-31).

Sandra Pesavento (1995), através de um estudo sobre a teoria das imagens dialéticas de Walter Benjamin, busca uma análise crítica do imaginário social através de um pensamento calcado na História. A pesquisadora apresenta o imaginário como uma manifestação advinda de representações sociais que indivíduos constroem através da vivência em grupo:

[...] a cidade é em si uma realidade objetiva com suas ruas, construções, monumentos, praças, mas sobre este “real” os homens constroem um sistema de ideias e imagens de representação coletiva. Ou seja, através de discursos e imagens, o homem re-apresenta a ordem social vivida, atual e passada, transcendendo a realidade insatisfatória. (PESAVENTO, 2008, p. 26).

As características citadas indicam a ideia de homogeneidade de pensamentos dentro de uma sociedade, sendo esta característica norteadora de como um imaginário social é constituído. Esta aproximação determina que os indivíduos compreendam e identifiquem-se com determinadas manifestações ideológicas.

Através destes apontamentos iniciais podemos vislumbrar o imaginário como produto do indivíduo com seu meio social e vice-versa. Entretanto deve-se também grifar o fato de que o imaginário social é uma manifestação da cultura, a qual podemos defini-la como a fonte de hábitos e conhecimentos provenientes de sociedades organizadas através dos tempos. (CUCHE, 1999).

O filósofo Gramsci (1978) aponta a existência da chamada cultura hegemônica como sendo decisiva na formação do imaginário. Para o autor as

noções culturais são respostas históricas relativas às dominações no campo político-ideológico e econômico, sendo como usualmente chama-se da “história dos vencedores”. Poderíamos assim dizer que o imaginário é fruto da hegemonia de classes dominantes de um meio social, pois trabalha com as recorrências de determinadas narrativas.

Voltando ao pensamento proposto por Pesavento (1995), podemos grifar o uso do termo representação que qualifica o imaginário social. Pensemos que todo imaginário é derivado de um tempo já vivido. Para que esta informação não seja perdida, implica-se que existam mecanismos que assegurem a manutenção de tal faceta conforme o passar dos tempos, como definido no conceito de memória anteriormente mencionado. Estes mecanismos são as representações, a qual tiramos de Cuty (2006) a seguinte consideração:

[a representação] não é uma cópia do real, mas uma reconstrução portadora do simbólico – ou seja, diz mais do que aquilo que mostra, carrega sentidos ocultos construídos social e historicamente, produz reconhecimento e legitimidade. (CUTY, 2006, p. 24).

Podemos então delimitar que o imaginário social trabalha amplamente como uma preservação da memória de determinados grupos através das representações. Os resultados de tais especificidades aparecem como a formação de documentos que apresentam características e sistemas comunicativos de acordo com o seu tempo de origem.

Parte-se do princípio de que é impossível reconstituir o passado na sua integridade, pois aquilo que já passou teve a sua concretude num tempo que não mais se recomporá. A “passeidade”, no caso, corresponde ao que aconteceu outrora, e tem caráter único. Da mesma forma, admite-se que aquilo que chamamos de fontes históricas ou registros do passado – imagens e discursos – já nos chegam como representação. (PESAVENTO, 1995, p. 34).

Pensar em volta da representação implica também em delimitar que a História aproxima-se da Literatura (PESAVENTO, 1995) pelo fato de ambas possuírem um caráter de recriar algo vivido, obviamente tomando suas devidas proporções. Podemos assim citar que a História “[...] é um domínio do

imaginário, entendendo este como sistema de ideias e imagens de representação coletiva que todas as sociedades criam para si.”. (PESAVENTO, 1995, p. 35).

Ao afirmar a faceta do imaginário contida dentro dos estudos históricos, denota-se que a reconstrução de um passado é calcada na análise de representações de ideias diversas dentro de um meio social. Cuty (2006) também discorre este aspecto quando diz que o desafio do historiador que visa trabalhar com os aspectos culturais “[...] é, portanto, decifrar o passado por meio de representações discursivas e imagéticas mesmo com uma considerável sobreposição de camadas de tempo que o distancia do acontecimento”. (CUTY, 2006, p. 24).

Para Silva (2008b), após fazer uma análise dos monumentos públicos das cidades de Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis, chegou à conclusão de que estas manifestações são caracterizadas como do imaginário social.

Ao chegarmos neste ponto crítico, tem-se a ideia de que a história seria uma farsa - um discurso fechado na visão de quem a faz, diferentemente do que ocorre com as narrativas literárias, fílmicas, expositivas, enfim - criada através das imposições do imaginário social. Nosso trabalho não busca questionar tal suposição. Trata, porém, de nos apropriarmos do conceito de imaginário dos autores referenciados e percebermos como ele se manifesta através de representações que visam criar um canal comunicativo entre o documento e seu possível leitor.

O que se verá a seguir é um recorte de um espaço urbano específico contendo possíveis coleções materiais que por sua vez, contêm a vontade mnemônica de se tornarem eternas.

2.3 Cemitério

Qualquer objeto complexo, multifacetado, interdisciplinar e utilizável em diversos contextos, tanto científicos quanto populares, exigem um esforço e um cuidado redobrado na hora de sua conceituação afim de não cair no equívoco, na redução e no desvio de potencialidades. Assim ocorre com o cemitério.

O senso comum define cemitério como sendo o local onde se abriga os mortos. E, neste caso, poderíamos então concluir que o cemitério seria um dos objetos mais antigos e próximos do homem na história da humanidade, pois desde que existe a vida humana na Terra existe a consciência sobre a morte e algum local específico de repouso para os que deixaram a vida.

Do ponto de vista terminológico o cemitério é polissêmico: vários termos podem representar o seu conceito. Do ponto de vista religioso, o cemitério é um lugar sagrado, poderoso. É o Campo Santo.

Que a associação do conceito “cemitério” ao conceito “morte” é quase que automática ninguém duvida, porém veremos que o cemitério está tão ligado à crença ideológica quanto à morte.

Há evidências científicas de que na pré-história já se existia uma grande preocupação com a manifestação da finitude da vida. As práticas de enterramento de corpos eram costumes de época comprovados através de escavações arqueológicas, onde restos mortais eram encontrados com utensílios e ferramentas de época. (ARAÚJO, 2006).

Para Loureiro (1977) foi no choque da visão de um corpo sem vida, que começaram as primeiras concepções de crença por parte do homem pré-histórico:

Justamente por acharem que a força motora que movia o corpo não poderia desaparecer sem nenhuma razão, entenderam os primeiros homens que o defunto passava a viver em outras paragens. E essa circunstância levava a crer que o indivíduo continuava a ter necessidades após a morte. E, por isso, além de procurarem preservar os restos mortais, colocavam junto dele os apetrechos de que o morto mais gostava e faziam oferendas fúnebres, depositando sobre o túmulo comida e bebida. (LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. 1977, p. 3).

Motta (2008, p. 9), por exemplo, nos diz que “De fato, mais de cem túmulos da primeira idade do cobre (2100 – 2000 A.C) foram descobertos embaixo da cidade de Pella, primeira capital do reino macedônico [...]”.

Estas citações nos dão margem para compreendermos que, de fato, desde milhares de anos o homem já exibia a consciência em questionar a morte e representar seus sentimentos e concepções perante aos que com ela partiam. Em tempo, os rituais de morte, tão variados em suas respectivas

épocas, grupos sociais e regiões geográficas, já obedeceram concepções das mais variadas. Inumação, cremação, canibalismo, embalsamento, exposição ao ar livre, no cume de montanhas, nas correntezas de rios, exposição em caixa para visitação de familiares, depósito em jarros de barro, acima das árvores, embaixo da terra (ARIÈS, 2001). Enfim, são muitas as práticas socioculturais que ditam as formas de lidar com o corpo sem vida.

Dando saltos de linearidade histórica, tiramos de Motta (2008) passagens textuais que indicam uma hipótese para a perduração de túmulos nos rituais de morte ocidentais. Primeiro Motta (2008) nos fala que “[...] a ruptura máxima que a morte instaura se deve ao fato dela produzir um cadáver, não somente símbolo de ausência, como também marca concreta de dissolução do corpo: decomposição, apodrecimento, asco e horror.” E o autor prossegue:

De certo modo, cadáver e impureza constituem faces de uma mesma moeda, criando a necessidade de ocultar o processo de decomposição da carne, dissimulado, pelo menos na cultura ocidental, através da construção de um túmulo, hermeticamente fechado, que possa materializar e perpetuar a lembrança da pessoa morta, que no plano imagético atua como mecanismo de revivescência do defunto, conforme projeções e fantasias de seus familiares. (Ibidem, 2008, p. 28).

Mas o “asco e horror” não seriam fatores únicos a permear as representações dos que presenciam a morte. Para Ariès, ainda que essas imagens da morte e da decomposição tenham sido utilizadas para despertar o horror, “no fundo não significavam nem o medo da morte nem do Além. Eram antes o signo de um amor apaixonado pela vida e da dolorosa consciência de sua fragilidade.” (2001, p. 150).

Em suma, o mais certo dos destinos, que levanta os mais complexos questionamentos sem respostas, fez o homem desenvolver significações e representações aos seus mortos. O pensamento se descola do corpo e faz com que o homem se questione sobre “o quê” e “onde” continuará “pensando” e “sentindo” quando este dia chegar. A consciência, neste caso, criou no indivíduo a ideia de continuidade da vida de alguma outra forma.

Em relação às representações tumulares, Araújo (2008) nos diz que os mortos da pré-história eram sepultados primeiramente por uma questão

higiênica, não existindo uma preocupação da demarcação do local com inscrições que denotassem a individualidade do morto. Foram os gregos que perpetuaram esta ideia através de inscrições que apontavam o nome do indivíduo. E seria também da sociedade grega a prática do luto e outras manifestações de peregrinação em túmulos, como o hábito de depositar alimentos e flores em suas superfícies.

Araújo ainda nos diz que a questão da veneração do morto é de vital importância para a constituição dos cemitérios. Esta seria uma preocupação com a possível vida após a morte do indivíduo falecido, como ele fala:

Havia um verdadeiro culto pelos parentes mortos, não só por respeito à sua memória, mas também por receio de sua vingança. Um morto abandonado tornava-se infeliz. Por isso o grande cuidado com que se preparavam os funerais e a sepultura. Tal crença determinou a organização de pessoas especializadas neste tipo de trabalho (atuais coveiros), que sob contribuição financeira, encarregavam-se de oferecer esses dois cuidados às famílias dos falecidos. Assim construíram para seus clientes câmaras sepulcrais, cujas paredes estavam repletas de nichos, nos quais as cinzas dos mortos, encerradas em urna eram depositadas. Abaixo das urnas, inscreviam-se diretamente no muro, os nomes das pessoas cujas cinzas elas continham. (ARAÚJO, 2008, p. 33).

O homem e suas representações de respeito e mistério perante a morte aliam este fenômeno às crenças ideológicas - atualmente dizem-se religiosas -. E na disposição de seus mortos em caixões e túmulos, sente a necessidade de representar na última morada do falecido, alguma mensagem que indique o sentimento afetivo da família, além da perpetuação da memória de seus feitos em vida.

A Igreja, por sua vez, dava respostas em relação à morte. Dizia que os campos santos, terrenos sagrados, levariam à salvação e à vida eterna àqueles que fossem ali enterrados. Este fato aproximou as práticas de enterramento aos domínios paroquiais, como nos explica Áriès:

Os mortos que pertenciam à igreja e lhe haviam confinado seus corpos, (ou seja, que os haviam confiado aos santos) adormeciam como os sete adormecidos de Éfeso e descansariam até o dia do segundo advento, do grande

retorno, quando despertariam na Jerusalém celeste, ou seja, no Paraíso. (ARIÈS, 2001, p. 44-45).

O uso das catacumbas dentro de igrejas demonstrou um costume de convívio constante entre pessoas e mortos. A peregrinação e adoração aos falecidos eram crenças presentes e segundo o catolicismo, ofereciam ao morto, o caminho da salvação. Estas práticas começam a mudar no século XVII na Europa (ARAÚJO, 2008), onde se inicia a tendência de enterrar os mortos em regiões distantes dos grandes centros urbanos. Esta era a chamada ideia higienista, onde deveria existir uma separação do lugar de convívio social com o de colocação dos corpos em decomposição, tendo em vista que eles poderiam transmitir doenças.

A partir da ideia de que os mortos transformavam o ambiente em que estavam enterrados em insalubres, iniciou-se no século XVII a construção dos cemitérios fora dos domínios das igrejas, como são configurados na atualidade. O local deveria ser distante dos centros urbanos e murados, gerando assim uma separação visível entre vivos e mortos. (CARVALHO, 2009).

No Brasil, os cemitérios fora dos domínios da igreja foram construídos apenas a partir do século XIX, também baseados em questões sobre a saúde pública. (ARAÚJO, 2008). Segundo Borges (2005), os cemitérios brasileiros eram construídos em áreas de poucos hectares, sendo que suas ampliações eram constantes tendo em vista o número imprevisível de mortos acumulados dentro de seus limites. Quando as necrópoles chegavam aos seus limites expansivos, antigas sepulturas eram destruídas para abrir novos lugares.

Estas práticas de demolições acabaram por virar assunto dentro das questões sobre patrimônio, tendo em vista que o cemitério carrega muitos conjuntos monumentais de valor artístico e possivelmente histórico para a comunidade a qual se insere, fazendo com que pesquisadores engajem-se em sua preservação. Conforme o autor supracitado, esta preocupação já toma uma esfera internacional:

[...] há alguns anos, arquitetos europeus e norte-americanos vêm se mostrando atentos à recuperação e preservação do patrimônio artístico e monumental de suas cidades, aí incluídos os cemitérios secularizados, conforme

observamos nos projetos apresentados no I Encontro Internacional sobre los Cementerios Contemporaneos, realizado na cidade de Sevilha, Espanha, em 1991. (BORGES, 2005, p.3).

A preocupação do cemitério como patrimônio seria um dos resultados da sua desvinculação com a igreja. No momento em que os enterros foram para céu aberto em lugares públicos, houve uma valorização da identidade do morto, fato este que não era visto de bom agrado pelo cristianismo, que via as covas apenas como um depósito para as almas que esperam a próxima vida. Nesta fase, - por volta do século XVIII - a ostentação fica mais evidente, pois o que era passível apenas para os nobres, estava ao alcance da classe média em ascensão na época. Desta “facilidade monetária” e “libertação criativa” proveio a criação de jazigos dos mais variados tipos, deixando as necrópoles caracterizadas por um conjunto heterogêneo que englobaria esculturas, capelas mortuárias, monumentos cívicos, obeliscos, bustos, epitáfios e outros tipos de manifestações. (ARAÚJO, 2008).

A trajetória histórica cemiterial, tão atrelada a crenças, ao afeto, às memórias e ao mistério perante a morte, ocasiona as mais diversas formas de representações tumulares. Estas representações variam com o passar do tempo e isso as torna características denunciativas de suas respectivas épocas. Elas servem como subsídios inestimáveis para estudos nas mais diversas áreas e enfoques para a nossa compreensão de mundo. Um conjunto de fontes de informação complexas, e prontas para receberem os mais distintos olhares e interpretações.

Neste contexto, temos um local de origens religiosas, que despertara interesse ao meio científico nas mais variadas áreas, pois como dissemos no início deste capítulo o cemitério é interdisciplinar. Ele pode receber análises com interesse apenas místico. Ou, então, análises arquitetônicas, artísticas, diagnósticos de ação do tempo em materiais específicos usados em mausoléus e lápides. Análise de manifestações socioculturais ou análises dos elementos tumulares como fontes de informação, como é o caso deste trabalho. Enfim, uma fonte de informação aguardando interpretações.

No contexto Brasileiro, autores em geral remetem o início das pesquisas cemiteriais a Clarival Valladares, que em 1972 lançou a obra “Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros”. Dividida em dois volumes, esta obra é um estudo da arte cemiterial ocorrida no Brasil, desde as sepulturas de igrejas e catacumbas de ordens e confrarias até as necrópoles secularizadas. A Obra de Valladares não é mais reproduzida atualmente e, no mercado de livros, há exemplares por mais de dois mil reais. (BELLOMO, 2008).

Com base nas pesquisas⁹ realizadas para o levantamento de subsídios teóricos do presente trabalho, percebemos que o meio científico visa o cemitério como objeto de estudo, consideravelmente a partir da pós-graduação.

Na Biblioteca de Teses e Dissertações foram 59 ocorrências, sendo que nenhuma era de material relacionado à Ciência da Informação. No repositório digital da UFRGS, chamado LUME foram 743 resultados nas mais variadas áreas como Medicina e Educação Ambiental, mas igualmente nenhuma em Biblioteconomia e/ou Ciência da Informação. A BRAPCI sendo o repositório especializado de tal ciência apresentou apenas três incidências, sendo que nenhum dos resultados foi proveitoso para este trabalho. Os trabalhos encontrados nesta base foram os seguintes: de Giulia Crippa intitulado "Construindo Novas Histórias do Conhecimento: um estudo iconográfico do ensino na Universidade Medieval"; de Flávio Pestana Zanella intitulado "A decadência dos sentidos póstumos: transumância devotada à memória em um dia de visitas aos mortos" e de Luiz Henrique intitulado "Torres A morte é o centro das atenções: o regimento do Cemitério Extramuros (1859)".

Trabalhos de Conclusão de curso são em números menores e se concentram nas áreas de História e História da Arte. Em teses e dissertações, as principais incidências de estudos com cemitérios no contexto científico focalizam principalmente as abordagens antropológicas, as análises

⁹ Os termos “cemitério” e “necrópole” foram utilizados em todas as buscas. Os principais locais de buscas foram:

a) Biblioteca de Teses e Dissertações. Disponível em: < <http://bdtd.ibict.br/>>

b) LUME-UFRGS. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/>>

c) BRAPCI. Disponível em: < www.brapci.ufpr.br/>

escultóricas e monumentais e as abordagens patrimoniais. Também foram encontrados trabalhos discutindo o aspecto turístico dos cemitérios.

No Brasil, podemos apontar trabalhos importantes como os iniciais de Clarival Valladares e Harry Bellomo. Nesta linha também podem ser citados Maria Elizia Borges em 1991 com sua tese intitulada “Arte Tumular: a produção dos marmoristas de Ribeirão Preto no período da Primeira República”, Arnoldo Doberstein com seu livro “Estatuária e Ideologia” de 1992, a dissertação de Sérgio Roberto Rocha da Silva defendida em 2001 “A Representação do Herói na Arte Funerária do Rio Grande do Sul (1900-1950)” e Rogério Cymbalista em 2002 com o livro “Cidade dos vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios paulistas”. Aponta-se o fato da grande produção de artigos sobre o tema originados de Maria Elizia Borges, Thiago Nicolau de Araújo, Luiza Neitzke Carvalho e Elisiana Trilha Castro.

Em 2004, pesquisadores do contexto cemiterial sentiram necessidade de um canal de comunicação de caráter oficial para um ideal controle do que se produzia sobre o assunto. Foi então que membros de diversos Programas de Pós-Graduação em vários estados do país fundaram a ABEC¹⁰ (Associação Brasileira dos Estudos Cemiteriais), que realiza encontros bianuais para discussão acerca dos cemitérios nos diferentes contextos e regiões do país. Porém a comunicação científica por parte da ABEC é ainda bastante frágil, visto que todos os trabalhos apresentados nos encontros não possuem publicações nem mesmo de seus resumos em algum repositório online, o que dificulta as pesquisas por quem é de fora de tal associação. Neste sentido, a menção à ABEC aqui neste trabalho ocorre mais como modo de compreensão da existência desta, a fim de enriquecer o panorama do cemitério no contexto das pesquisas científicas.

¹⁰ Disponível em: < abecbrasil.blogspot.com/>

3 METODOLOGIA

Ao pensarmos os cemitérios como fonte informacional, dentro de uma perspectiva de recriação de um imaginário social, buscamos elencar fatores consistentes para criação de uma metodologia. Partimos do pressuposto que fala Pesavento (1995) quando diz que o imaginário é uma representação que carrega significados denotativos de uma época específica.

Esta noção do imaginário como representação denota o túmulo no papel de criar significados para serem apresentados às pessoas. Todavia estas construções são feitas através das mais diversas inspirações e narrativas pretendidas por famílias e pelos construtores de túmulos, pensando o cemitério como um local que abriga uma multiplicidade de grupos sociais, gerando representações distintas e geradoras do que poderíamos denominar de contraste. (PESAVENTO, 2002).

Para uma delimitação do problema estudado, fez-se oportuna uma teoria que buscasse a aproximação dos objetos analisados. Esta expectativa é alcançada através da chamada **metodologia de justaposição de imagens** que nos foi elucidada por Willi Bolle (1994). Esta técnica é derivada do pensamento de Walter Benjamin das chamadas imagens dialéticas (PESAVENTO, 2002).

A montagem por justaposição faz uma aproximação das representações do imaginário de um determinado item comparando-o com outras características. Pesavento (2002) delimita esta metodologia como a “[...] contextualização, o referencial de circunstância, ou ainda, o quadro de contingências que demarca a situação a ser analisada”. (PESAVENTO, 2002, p.20).

Tendo o caráter de vislumbrar uma contextualização do objeto analisado, a montagem por justaposição se apresenta como meio de interesse para pesquisadores que buscam decifrar significações das representações do imaginário apoiando-se em materiais diversos.

Pensando no uso desta justaposição, buscamos a contextualização do imaginário que o túmulo quer representar em contraponto com a posição social do seu homenageado. Esta metodologia é semelhante à usada por Sérgio

Roberto Rocha da Silva em sua dissertação, que delimita o estudo de monumentos públicos através da análise destes e de outras obras, como jornais e livros criando uma contextualização dos homenageados nos respectivos monumentos (SILVA, 2008b).

Apropriando-se da metodologia de montagem por justaposição, criamos um trabalho norteado por um **estudo de caso no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre**. A escolha por este delineamento é justificada, conforme Gil (2009), por ser a perspectiva de contextualizar um respectivo fenômeno.

Para Gil (2009) estudos de caso devem apresentar algumas delimitações em suas dimensões exploratórias. Por este trabalho buscar uma aproximação mais simplificada entre as fontes de informação contidas em um cemitério e seu potencial como recriadoras do imaginário social, buscou-se apresentar uma pesquisa de caráter qualitativo.

Nossa pesquisa foi realizada na cidade de Porto Alegre no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, tendo em vista que esta é a necrópole mais antiga do local. (CARVALHO, 2009). O local possui cerca de 31.920 tumbas funerárias (SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PORTO ALEGRE, 2012), o que nos mostrou a necessidade de delimitar um *corpus* para estudo.

Por tratar do estudo de uma fonte de informação na configuração do imaginário social, foi determinado que a escolha dos túmulos analisados fosse orientada pela notoriedade de seus sepultados diante a história do Rio Grande do Sul. Esta faceta é justificada pelo fato do próprio cemitério apresentar-se com uma área histórica perante o seu público.

Através de uma pesquisa no sítio¹¹ virtual do Cemitério da Santa Casa de Porto Alegre, percebemos a existência de um link intitulado “Museu a céu aberto”. Este link leva para outro espaço do site, na qual se explica alguns conceitos de museu e a razão deste cemitério considerar-se como tal. Além da explicação, o site disponibiliza **roteiros de visita**, que são espécies de divisões temáticas as quais os túmulos de relevância alegórica e/ou sociocultural são categorizados. Os cinco roteiros existentes são:

¹¹ Disponível em: < <http://www.cemiteriosantacasa.com.br/>>

1. Roteiro cívico celebrativo
2. Roteiro religioso
3. Roteiro positivista
4. Roteiro político
5. Roteiro social

Foram analisados os cinco roteiros de visita indicados pela instituição. Dentro destes, foram selecionados os túmulos que apareciam em mais de um roteiro, ou seja, aqueles que eram recorrentes nos roteiros propostos pelo sítio analisado, sendo os seguintes:

- Júlio Prates de Castilhos;
- Otávio Artur da Rocha;
- José Gomes Pinheiro Machado;
- Afonso Emílio Massot.

A leitura na íntegra dos roteiros, caso julgue-se necessária pode ser realizada através dos anexos da presente monografia.

Por delimitação destes personagens, nosso recorte histórico pode ser apontado como a compreensão dos anos entre 1900 a 1930. Doberstein (2002) aponta a época como áurea da chamada arte cemiterial, onde a estatuária era empregada em diversos jazigos de personalidades e famílias abastadas.

Tendo em posse os nomes destas quatro figuras públicas da história do Rio Grande do Sul, foi feita uma atividade em campo de **registro fotográfico** dos referidos jazigos para posterior análise de suas representações. No segundo momento, busca-se situar a posição do homenageado dentro da sociedade gaúcha. Para esta etapa de contextualização, foi usado um guia de fontes biográficas em formato de dicionário especializado elaborado por Sérgio da Costa Franco¹² (2010). A escolha deste dicionário para o embasamento imagético acerca do nosso *corpus* justifica-se, primeiramente, pelo fácil acesso a este material, muito difundido em bibliotecas públicas e escolares e, segundo, pela relevância autoral. Porém para a contextualização de Emílio Massot não foi utilizado o referido dicionário, pois este não continha verbete específico.

¹² Franco, Sérgio da Costa. **Dicionário político do Rio Grande do Sul : 1821-1937**. Porto Alegre : Suliani Letra & Vida, 2010. 222 p. : il.

Neste caso, usamos a Biografia de Emílio Massot disponibilizada no sítio da Brigada Militar¹³ pois foi a única fonte encontrada pela autora sobre tal pessoa.

Na terceira etapa desta metodologia visamos delimitar como o túmulo funciona na criação de um imaginário sobre o respectivo indivíduo. Esta etapa se subdividiu em duas outras fases de análise: a primeira feita através da leitura das fontes informacionais do túmulo, ou seja, dos elementos que os compõe. Para esta primeira fase de compreensão foi usado material bibliográfico explicativo. A saber: **Cemitérios do Rio Grande do Sul** organizado por Harry Bellomo; **Estatuários, Catolicismo e Gauchismo** de Arnaldo Doberstein e **A Escultura Pública de Porto Alegre** de José Francisco Alves. Na segunda fase de análise, é feita a justaposição propriamente dita onde comparamos as imagens contextualizadas pelas fontes buscadas - dicionário biográfico e sítio da Brigada Militar – com as imagens que os túmulos dos respectivos homenageados transmitem.

Por fim, a análise de dados se deu de forma discursiva e narrativa, visto o caráter qualitativo da pesquisa. Como limitações de estudo, registramos o curto tempo para todo o processo e a contextualização realizada com apenas uma fonte para cada homenageado.

¹³ Disponível em: < <http://www.brigadamilitar.rs.gov.br/Historia/CelMassot.aspx> >

4 RESULTADOS

Este capítulo é destinado a apresentar os resultados da pesquisa proposta. Configura-se no primeiro momento da aplicação das teorias de fontes de informação nos cemitérios, e após, a análise dos túmulos.

4.1 Fontes de informação aplicadas ao cemitério

Este capítulo visa concretizar um dos objetivos do estudo: aplicar as fontes de informação ao contexto dos cemitérios. Para tal ação nos baseamos nos autores de fontes de informação mostrados no referencial teórico.

Analisar o cemitério como uma fonte de informação implica em determinar como podemos retirar informações de lápides, mausoléus e gavetas funerárias dos mais variados períodos históricos, bem como de sua organização como conjunto em roteiros de visita, por exemplo. Conforme nosso objeto de estudo, as assertivas a seguir são baseadas, em um primeiro momento no Cemitério da Santa Casa de Porto Alegre como um todo e, em seguida, na análise dos jazigos de Júlio de Castilhos, Pinheiro Machado, Otávio Rocha e Emílio Massot.

Quadro 2 - Contextualização informacional do corpus de pesquisa

	Túmulo de Júlio Prates de Castilhos	Túmulo de José Gomes Pinheiro Machado	Túmulo de Otávio Francisco da Rocha	Túmulo de Afonso Emílio Massot
Roteiros em que se encontra	Cívico Celebrativo; Positivista; Político.	Cívico Celebrativo; Positivista; Político.	Cívico Celebrativo; Positivista; Político.	Cívico Celebrativo; Positivista; Político.
Data de edificação	1904 - Data aproximada	1923	1929	1927
Procedência e origem	Institucional	Institucional	Institucional	Institucional
Canal de	Documental	Documental	Documental	Documental

Transmissão				
Cobertura Geográfica	Variável de acordo com o foco da pesquisa. No nosso caso: regional	Variável de acordo com o foco da pesquisa. No nosso caso: regional	Variável de acordo com o foco da pesquisa. No nosso caso: regional	Variável de acordo com o foco da pesquisa. No nosso caso: regional
Tipo de informação	Especializada	Especializada	Especializada	Especializada

Adaptado de: SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PORTO ALEGRE (2012); VILLASEÑOR RODRIGUES (1998).

Segundo as categorias propostas por Villaseñor Rodrigues (1998), categorizamos o cemitério no todo como fonte institucional, pois cada cemitério pertence a uma instituição específica. No caso do Cemitério da Santa Casa, ele se enquadra como fonte institucional privada de acesso público.

Também enquadramos cada túmulo como fonte institucional, pelo fato de nosso *corpus* ter se constituído por pessoas notórias no meio social de Porto Alegre. Seus feitos políticos sinalizados em seus túmulos configuram-se como fonte de informação institucional governamental.

Ainda nas concepções de Villaseñor constatamos o canal de transmissão através da categoria documental pelo fato de que as informações estão contidas em meio físico das mais diversas tipologias, como por exemplo: letras em placas, estatuária, fotografias em porcelana, esculturas, relevos, entre outros.

No quesito cobertura geográfica o cemitério da Santa Casa foi enquadrado na categoria de fonte regional, pois os sepultados ali presentes são representantes políticos tanto em esfera estadual quanto municipal e servem como subsídio tanto para pesquisas de cunho regional quanto local

Devemos salientar o fato de que esta categoria irá variar conforme o *corpus* proposto por um dado pesquisador. E neste caso, características presentes nesta necrópole podem ser utilizadas a níveis nacionais ou internacionais.

O grau de cobertura para o *corpus* proposto foi classificado como total pelas análises das representações contidas nos túmulos. Na aplicação de estudos de outras áreas, esse grau será variável, tendo em vista os objetivos que os pesquisadores querem delimitar dentro do referido local. Como por exemplo, para um historiador a lápide de um político pode ser apenas um fragmento dentro de uma pesquisa biográfica.

Os tipos de informações encontrados nos jazigos foram considerados especializados, pois retratam uma concepção individual. Além disso, possuem símbolos e características referentes a um período histórico específico.

Nas subdivisões de Eluan, Monn e Nascimento (2008), Villaseñor (1998), Dias e Pires (2005), Campello e Caldeira (2008) e Cunha (2010), o cemitério configura-se como fonte primária, visto que será encarada como uma informação inicial dentro de uma metodologia científica de estudo, servindo de subsídio, como é o caso desta monografia, em detalhar um período histórico e seu imaginário social.

Lembramos que o Cemitério da Santa Casa pode ser caracterizado como fonte histórica, mas não somente isto, pois ele ainda se mantém em atividade, podendo ser objeto para estudos contemporâneos. Esta concepção é corroborada por Bellomo (2008) ao separar nove características que podem ser estudadas dentro de tal local. Mesmo não sendo da área da Biblioteconomia, consideramos pertinente a transposição destas tipologias de fontes históricas e contemporâneas oferecidas por este autor, a fim de enriquecer o panorama informacional existente sobre cemitérios:

Quadro 3 - Tipologias das informações cemiteriais, segundo Bellomo

TIPO DE FONTE	INFORMAÇÕES CONTIDAS
Os cemitérios como fonte para conhecer a formação étnica	Através de análise de nomes familiares e fotografias pode-se delimitar origens étnicas.
Os cemitérios como fonte para o estudo de genealogia	Delimitação através dos nomes de pessoas ou de famílias inscritas em um túmulo pode-se delimitar árvores

	genealógicas
Os cemitérios e a preservação da memória familiar e da comunidade	A formação da memória social averiguada através de fotografias, inscrições, datas e títulos profissionais.
Os cemitérios como fonte de estudo nas crenças religiosas	Reflexão sobre o credo de famílias através de inscrições, símbolos e estatuária derivada de crenças religiosas.
Os cemitérios como forma de expressão da ideologia política	A ideologia perpassa por manifestações de opiniões políticas, sendo que no estudo original expoentes desta área tinham sepulturas com bustos e estátuas celebrativas.
Os cemitérios como expressão do gosto artístico	Foco na análise estatuária do local, sendo esta denominada como arte funerária. Tais artefatos são divididos, por Bellomo, conforme a sua representatividade em: tipologia cristã, alegórica e celebrativa.
Os cemitérios como indicadores da evolução econômica e dos padrões da população local	Através de análise dos materiais empregados nas sepulturas, pode-se delimitar o poder econômico de certas famílias, sendo este um quesito determinante ao julgar o cemitério onde classes abastadas possuem uma maior visibilidade.
Os cemitérios como fonte reveladora da perspectiva de vida	Levantamentos estatísticos através da análise de datas contidas nos túmulos e diferenciação de sexo, faixa etária e poder econômico.
Os cemitérios como fonte reveladora das posições da população local perante a morte	Construção ideológica do morto através da perspectiva de seus amigos e familiares, na qual existe a ênfase de uma personalidade do falecido ou mesmo descrição de uma fase específica de sua vida.

Adaptado de: BELLOMO (2008)

4.2 Lendo túmulos

A presente análise é caracterizada como a aplicação metodológica nos quatro túmulos escolhidos. Este capítulo descreve cada jazigo separadamente contrastando suas características simbólicas com uma pequena biografia do homenageado. Dividimos esta etapa em seções que aqui chamaremos de *descritiva e representativa*

A análise descritiva visa elencar os elementos que constituem toda carga informacional do túmulo. Já a análise representativa visa verificar como estas fontes compõe o imaginário social.

4.2.1 Júlio Prates de Castilhos

Segue abaixo contextualização histórica e análises descritiva e representativa do túmulo de Júlio de Castilhos.

4.2.1.1 O Homenageado em seu espaço/tempo

Júlio Prates de Castilhos foi o governador do Rio Grande do Sul no período de 1891, sendo interrompido no mesmo ano e tendo segundo mandato de 1893 a 1894. Foi um dos fundadores do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) em 1882 e do jornal “A Federação” em 1884.

Adepto dos ideais do Positivismo de Augusto Comte, difundiu-o junto a outros políticos do PRR. Participou do golpe militar que culminou com a proclamação da República, sendo eleito deputado na Constituinte Nacional e redigindo sozinho a Constituição do Rio Grande do Sul em 14 de julho de 1891.

A referida constituição fez com que se elegeisse presidente do Rio Grande do Sul no mesmo dia da promulgação da respectiva carta magna. Entretanto opositores retiram-no do poder meses após. Sendo seu retorno ao governo do estado em 1893 em uma eleição sem concorrentes tendo em vista o clima tenso da política na região.

O Partido Federalista que era opositor a Júlio de Castilhos iniciou uma guerra civil denominada de “Revolução Federalista” contra o governo do

estado. Para combater os rebeldes, Castilhos usou as forças armadas do Exército Nacional em conjunto com a Brigada Militar. O combate foi terminado em 1895, sendo o pedido de paz promovido pelo então presidente da República, Prudêncio de Moraes.

A chamada Revolução Federalista foi um dos conflitos mais violentos dentro do Brasil e abalou a imagem do então governador Júlio de Castilhos. Entregou o poder a Borges de Medeiros em 1898 e firmou-se como chefe do PRR. Morreu em sua casa em 24 de outubro de 1903 enquanto sofria uma intervenção cirúrgica para retirada de um tumor. (FRANCO, 2010).

De acordo com Silveira (2008), o túmulo foi feito por encomenda do Estado do Rio Grande do Sul e inaugurado possivelmente em 1904. A obra foi executada pelo escultor Décio Villares e caracteriza-se em um formato piramidal.

4.2.1.2 Análise descritiva

Fotografia 1 - Túmulo de Júlio Prates de Castilhos



Fonte: autora, 2012.

Na presente fotografia nota-se a presença de uma grande estátua feminina no centro do túmulo depositando a bandeira do Brasil sobre o local onde Júlio de Castilhos encontra-se enterrado. Na outra mão existe uma coroa de ramos e a referida mulher olha com pesar para baixo. Esta estátua segundo Silveira (2008) é uma alegoria da República, sendo esta retratada com grande pesar ao olhar o túmulo do falecido. A coroa de louro tem uma simbologia de reverência, vitória e triunfo.

Acima se encontra o epitáfio onde aparece a frase: “*Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos*”. Ainda segundo Silveira (2008) este é um lema derivado da doutrina positivista.

Acima desta citação existe um brasão do Estado do Rio Grande do Sul ladeado pelo lema positivista “Ordem e progresso”.

Na parte superior do monumento funerário encontra-se o conjunto formado pela frase “O Rio Grande do Sul a Júlio Prates de Castilhos” e pela efígie do homenageado. O topo é finalizado com uma peça contendo a data de 14 de julho de 1891 como referência à Constituição do Rio Grande do Sul, que ocasionou sua investidura ao cargo de governador do Estado. Completando este conjunto existe uma águia como representativa de força e poder. (SILVA, 2008a).

4.2.1.3 Análise representativa

O túmulo edificado para Júlio de Castilhos apresenta a primeira peculiaridade de ser uma obra financiada pelo governo estadual de Borges de Medeiros (SILVEIRA, 2008). Através de todas as informações contidas neste local, observa-se que existe uma imposição dos ideais positivistas vigentes.

A grande representação da pátria vislumbra também o relacionamento de Júlio de Castilhos com o Governo Federal da época, conforme Franco (2010). Acima de tudo, existe a transformação em uma linguagem heróica. (SILVEIRA, 2008).

Por fim podemos delimitar esta obra como perpetuação dos ideais do Positivismo dominante do governo da época. Sendo que a profusão de símbolos desta corrente de pensamento está manifestada na bandeira, na alegoria da pátria, no escudo do Rio Grande do Sul e no epitáfio.

4.2.2 José Gomes Pinheiro Machado

Segue abaixo contextualização histórica e análises descritiva e representativa do túmulo de Pinheiro Machado.

4.2.2.1 O homenageado em seu espaço/tempo

Filho de Antônio Gomes Pinheiro Machado, deputado na Corte do Império, José Pinheiro Machado foi um político gaúcho e também fundador do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR).

Esteve nas frentes de batalhas na Guerra do Paraguai, tendo terminada sua participação por motivos de saúde. Graduou-se pela Academia de Direito de São Paulo em 1878, sendo neste local o início de suas manifestações políticas.

Foi eleito senador em 1890 e participou da Assembleia Constituinte de 1891. Licenciou-se do Senado entre 1893 e 1895 para participar da guerra civil, tendo atuação de destaque no conflito, o que rendeu-lhe o título de general de brigada honorário.

Foi diversas vezes eleito senador com grande poder político. Entre uma das funções desempenhadas foi a de manutenção das “comissões de verificação de poderes”, em que existiam manipulações eleitorais.

Dirigiu o Partido Republicano Conservador e em 1910 apoiou a candidatura do Marechal Hermes da Fonseca para o cargo de presidente da República, sendo efetivamente eleito. Esta relação com o então representante nacional serviu de chamariz para antipatia de opositores políticos.

Pinheiro Machado possuía um forte poder político e, principalmente, pelo apoio ao Marechal Hermes da Fonseca. Em 8 de julho de 1915, Francisco Manso de Paiva Coimbra o apunhala pelas costas no Hotel dos Estrangeiros,

causando a sua morte. O executor do crime nunca confessou possíveis motivações de terceiros em caráter de retaliações políticas. (FRANCO, 2010).

Segundo Silveira (2008), o túmulo de Pinheiro Machado foi comprado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, sendo a execução do jazigo incumbida por Rodolfo Pinto de Couto. Este pode ser considerado como monumento funerário mais ornamentado do Cemitério da Santa Casa.

4.2.2.2 *Análise descritiva*

Fotografia 2 - Túmulo de Pinheiro Machado



Fonte: autora, 2012.

O conjunto estatuário é formado pela figura de Pinheiro Machado morto estendido sobre uma mesa. Ao seu lado encontram-se crianças e as alegorias da República e de Clio representando a História. Para Doberstein (2002), a representação dramática do falecido tenta fazer uma relação simbólica com a morte de Júlio Cesar.

Ainda seguindo a leitura de Doberstein (2002), a figura da República retrata um ar de revanchismo proposto pelo PRR:

Neste último gesto, inclusive, parece que Pinto de Couto se esmerou em bem interpretar o sentimento de revanchismo que os positivistas gaúchos alimentavam pelo seu grande líder. O que deveria ser um gesto de benção e resignação da *Mãe Republicana* foi sutilmente transformado em um gesto de ameaça, como a dizer que “aquilo não ficaria assim”. (DOBERSTEIN, 2002, p. 189).

O caráter de herói de Pinheiro Machado é complementado por Clio que anota a história do falecido para a posterioridade e as futuras gerações, neste túmulo, representado pelas esculturas das crianças. (DOBERSTEIN, 2002). Acima da figura da República aparece uma urna funerária que simboliza a memória do político. (SILVEIRA, 2008).

Ainda nesta parte frontal do túmulo, notam-se dois relevos. O primeiro trata de duas pessoas fazendo reverência a uma espécie de altar da pátria (SILVEIRA, 2008). O segundo é o brasão do Estado do Rio Grande do Sul.

A parte posterior do túmulo ainda apresenta um conjunto simbólico através de relevos. Caracterizam-se como uma procissão de figuras desnudas ao redor da palavra “*immortalidade*”.

4.2.2.3 Análise representativa

Como análise do imaginário, podemos apontar novamente o caso da exaltação dos feitos do falecido, ou seja, transformá-lo em herói. Esta característica é perpassada pelo fato da forte carga dramática em todo o conjunto. Diante das alegorias das crianças sorridentes, Pinheiro Machado aparece como exemplo para as futuras gerações ali simbolizadas.

Além disto, vislumbra-se uma forte manifestação do Partido Republicano Rio-Grandense da época. A representação da República como revanchista, caracteriza como os representantes da esfera política do Positivismo encaram o assassinato como manobra política de opositores, sendo este fato nunca esclarecido.

4.2.3 Otávio Francisco da Rocha

Segue abaixo contextualização histórica e análises descritiva e representativa do túmulo de Otávio Rocha.

4.2.3.1 O homenageado em seu espaço/tempo

Otávio Rocha teve formação e carreira no meio militar, recebendo os títulos de Engenheiro Militar, Oficial de Estado Maior, Bacharel em Matemática e Ciências Físicas. Foi professor de geometria e aritmética na Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo e na Escola Militar de Porto Alegre.

Sempre foi ligado ao Partido Republicano, sendo eleito deputado estadual de 1909 a 1912, deputado federal de 1912 a 1914 e Secretário da Fazenda do Governo do Estado, de 1913 a 1914. Após um período de retorno às atividades militares elegeu-se deputado federal de 1918 a 1924.

Após pedir reforma ao Exército, foi eleito Intendente Municipal de Porto Alegre a partir de 14 de outubro de 1924. Segundo Franco, Foi um prefeito com atuação eficiente apoiado em grandes obras urbanas de modernização da capital gaúcha. Faleceu em 1928 durante seu mandato. (FRANCO, 2010).

4.3.3.2 Análise descritiva

Fotografia 3 - Túmulo de Otávio Francisco da Rocha



Fonte: autora, 2012.

O túmulo de Otávio Rocha foi custeado pela Intendência Municipal de Porto Alegre da época. É formado por uma figura feminina que aponta para um conjunto em relevo.

A referida estátua, para Doberstein (2002), indica ser uma representação da Municipalidade, de acordo com pesquisa em jornais da época feitas pelo autor. Entretanto o mesmo autor elenca que tal figura pode ser uma alegoria da História. Suas mãos apontam para o conjunto de relevos e para uma pira que não se encontra mais no local.

Os relevos centrais mostram as obras que Otávio Rocha havia executado para modernizar Porto Alegre. Abaixo do relevo, um mapa da capital é representado em um pergaminho (ALVES, 2004). Este conjunto é emoldurado por ramos de louro e finalizado com um par de asas.

Doberstein (2002) sinaliza para toda a carga simbólica da representação da cidade indicando Otávio Rocha como herói civilizador da cidade. Os louros servem como glórias cívicas ao homenageado e as asas a elevação do espírito. O autor também baseia-se em um sol contido no relevo: “[...] uma individualidade iluminada que, tal como “o sol de uma nova era”, impulsionou a cidade no rumo de seu progresso e bem estar.” (DOBERSTEIN, 2002, p. 191).

Por fim a análise de Doberstein (2002) determina o jazigo como portador de problemas, pelo fato de que Otávio Rocha não concluiu diversas obras da cidade, mostrando no painel, obras que sequer foram iniciadas.

4.2.3.3 Análise representativa

Pensamos a análise do jazigo de Otávio Rocha como outra influência política da época. Tendo a Intendência Municipal de Porto Alegre como financiadora, foi elaborada uma imagem do falecido como herói da cidade. Sendo também que sua carreira militar não é mencionada.

O heroísmo presente no túmulo perpassa pela figura da mulher que indica os feitos do falecido durante seu mandato. Todavia Doberstein (2002) delimita inverdades no fato de obras urbanísticas nem serem executadas em

seu governo. Sendo assim, enfatizamos seu caráter de componente do imaginário social.

4.2.4 Afonso Emílio Massot

Segue abaixo contextualização histórica e análises descritiva e representativa do túmulo de Emílio Massot.

4.2.4.1 O homenageado em seu espaço/tempo

Afonso Emílio Massot foi um militar gaúcho participante da Revolução Federalista, inicialmente como capitão e em seguida nomeado como major. Em 1984, o Governo Federal o intitula como tenente coronel do Exército Brasileiro. Nesta época ele é incluído dentro do quadro funcional da Brigada Militar do Rio Grande do Sul.

Em 31 de março de 1915 recebe o cargo de comandante-geral da Brigada Militar sendo, este, executado até o ano de 1917, quando através de decreto de Borges de Medeiros, torna-se coronel da instituição. Participou ainda das revoluções de 1923 e 1924.

Serviu durante 33 anos a instituição gaúcha, sendo nomeado patrono da Brigada Militar em decreto de 20 de outubro de 1953. (BRIGADA MILITAR DO RIO GRANDE DO SUL, 2012).

4.2.4.2 Análise descritiva

Fotografia 4 - Túmulo de Afonso Emílio Massot



Fonte: autora, 2012.

O túmulo de Emílio Massot foi financiado pela Brigada Militar e executado por José Gaudenzi. (DOBERSTEIN, 2002). É composto por uma figura feminina, relevos de louros, um quepe, uma espada e a efígie do falecido.

Doberstein (2002) afirma que o escultor que executou a obra foi o mesmo que fez a ornamentação do Quartel General da Brigada Militar. Ele aponta que, de certa forma, o artista tenha captado a aura da corporação ao propor um túmulo onde existe uma rigidez estética.

A figura feminina simboliza a saudade (DOBERSTEIN, 2002) e deposita um galho de palma sobre as insígnias de Coronel Massot. Acima temos a efígie do falecido em uma expressão de autoridade. Ainda segundo a pesquisa de Doberstein, quando analisamos a estrutura do túmulo temos um ar de firmeza e despojamento (simplicidade):

É claro que só o material não bastaria para se interpretar a ideia de firmeza e despojamento. A estrutura do mausoléu pesada, austera, sem acessórios supérfluos, é que possibilitou que, com o granito, tão bem se interpretasse o ideário do despojamento. Sendo como é, uma manifestação do poder, dificilmente o mausoléu do Cel. Massot deixaria de conter uma dissimulação da realidade objetiva. (DOBERSTEIN, 2002, 194).

4.2.4.3 Análise representativa

Encaramos o túmulo de Emílio Massot como uma representação do falecido de maneira heroica, mas usando-se de um ar de seriedade característico da disciplina militar.

Mesmo sendo um túmulo com uma menor carga estatutária com relação aos outros analisados, vislumbramos novamente uma narrativa calcada na representação de pessoa com grandiosos e importantes feitos para a sociedade. Podemos perpassar este fato, pelo financiamento da Brigada Militar na confecção do jazigo sendo que uma placa indica Massot como patrono da instituição.

Devemos também adentrar para o fato de como o conjunto no todo se resolve com a estrutura material onde se encontram as alegorias. O grau de despojamento, pouco característico aos túmulos desta época pode supor um espírito militar: a entidade que busca criar uma identidade ao seu homenageado criando-o com feições sérias e firmes e manifestando a saudade de uma maneira contida.

4.3 Túmulos como fonte de informação para composição do imaginário social

Em uma primeira etapa acreditamos poder apontar os respectivos jazigos como detentores de memórias institucionais. Júlio de Castilhos, Pinheiro Machado, Otávio Rocha e Emílio Massot tiveram obras custeadas por entidades públicas, sendo que algumas serviram de propaganda para ideais de partidos políticos. Voltamos aqui no pensamento referenciado por Pomian (2000) onde os vestígios de uma memória só são perpassados se mantidos em suportes duradouros, como é o caso do monumento funerário, do mármore, da pedra.

Averiguamos que os túmulos utilizam-se da representação (PESAVENTO, 2002) no intuito de manifestar simbologias específicas através das mais variadas tipologias como epitáfios, estatutárias, efígies, fotografias, nomes e datas. Assim inferimos que a carga informacional é transpassada através de signos visuais com características específicas de suas épocas.

Entre as representações tumulares notamos o uso da figura feminina em todos os jazigos, sendo esta portadora de significados diferenciados, mas baseadas nas chamadas alegorias. (DOBERSTEIN, 2002). Como determina Pesavento (1995) as representações de uma época tendem a possuir características em comum dentro de uma linha de imaginário. Sendo esta teoria aparecida em nossa pesquisa na presença da mulher como objeto simbólico. Esta faceta poderá ser mais bem entendida em pesquisas futuras, mas servem como averiguação de tal característica.

A técnica de montagem por justaposição (PESAVENTO, 2002) por si só já funciona como meio de criar diferenças entre o objeto estudado e uma fonte de contextualização, no nosso caso um dicionário e uma nota institucional. Dentro desta perspectiva delimitamos os ideais do imaginário social calcados na transformação dos políticos e do respectivo militar em heróis sociais. Esta faceta tem dois objetivos, sendo que no momento em que se enaltece o falecido, também existe o fortalecimento do nome de uma instituição. Neste caso, poderiam ser o PRR, a Intendência Municipal e a Brigada Militar. (DOBERSTEIN, 2002).

Ao tratar as características dos elementos retratados por estes túmulos, vislumbramos a teoria de Gramsci (1978) da hegemonia cultural. Sendo que os jazigos desta pesquisa possuem destaque dentro do Cemitério da Santa Casa e neles está contida ideologias de época, com um discurso sobressalente e positivista perante outras ideologias. Esta dominação também é de caráter econômico, pois se valendo de posições privilegiadas dentro de um cenário de capital público, os túmulos puderam ser ricamente ornamentados.

Pelo fato da hegemonia cultural ser uma forte característica dentro dos estudos do imaginário, devemos delimitar as possíveis coincidências existentes entre as representações. Dentro desta pesquisa, identificamos que as personalidades analisadas eram representantes do Positivismo. (TAMBARA, 1998).

Esta peculiaridade implica na forte relação em apresentar os referidos personagens sobre uma ótica heroica, sendo este um elemento típico da respectiva doutrina. Cidades como Porto Alegre apresentam diversas obras em homenagem aos líderes do Positivismo, sendo estes a força política dominante

do Rio Grande do Sul no início do Século XX (TAMBARA, 1998). Deve-se também atentar ao fato de que tal ideologia em terras gaúchas foi uma constante, sendo que esta ainda apresenta influências na atualidade.

Ao encontrar a conclusão desta coincidência ideológica, reforça-se o discurso da complexidade de uma análise das representações do imaginário. Os túmulos dos Positivistas pesquisados apresentam uma carga simbólica específica de sua época (SILVEIRA, 2008), nelas contidas os anseios e questionamentos que partidários ideológicos quiseram afirmar perante a sociedade gaúcha.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de realizar a presente pesquisa se baseou em uma visita feita ao cemitério de Teutônia, enquanto a estudante ainda estava no segundo semestre da faculdade. Retornar a um cemitério, com o olhar de uma quase profissional da informação trouxe experiências marcantes e riquíssimas para esta profissional. A visita a campo no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre se resultou em um exercício intenso de relembrar conceitos aprendidos em aula e, principalmente, poder visualizar na prática o quão subjetivo e temporal são todas as manifestações ali existentes. Vimos muitas representações que não compreendemos, mas sabíamos que existia uma mensagem querendo ser transmitida. Principalmente pudemos compreender que túmulos alegóricos, possuem esse adjetivo ornamentado, pois existiu uma vontade de terceiros de que a pedra comunicasse alguma informação, alguma ideologia, alguma história ou estória, algum sentimento.

Quando conseguimos sentir a essência transmissora que os túmulos têm, a visita técnica se tornou tal qual uma visita em uma biblioteca, onde cada livro conta alguma história e tem sua individualidade de conteúdo. Tal qual qualquer transeunte em uma biblioteca que passa os olhos pelos livros, às vezes pega um, dá uma folheada, lê alguns trechos, tenta compreender o assunto geral de tal obra. Assim se transformou a visita no cemitério. Transformamos-nos em leitores curiosos das histórias alheias e suas prováveis formas de representação em sua última moradia.

A ação humana que causa a vontade de comunicar, expressar ou protestar alguma coisa pode ser materializada. Quando nos aproximamos dos conceitos de imaginário social, pudemos visualizar as sutilezas capazes de existir em um produto específico da ação humana. Acreditamos que compreendemos poder pensar um conteúdo informacional por camadas. As primeiras camadas dão as informações evidentes e intencionadas. Conforme vamos mais a fundo enxergamos o conteúdo “a mais” que esta informação pode conter. Esta faceta proporciona reflexões e debates na hora de pensarmos as fontes de informação. Nem todas as fontes de informação são representantes maiores de um imaginário social, porém, todo imaginário só

existirá se for registrado, e é por isso que fontes de informação e imaginário são passíveis de se unirem nas reflexões biblioteconômicas.

Quando realizamos este trabalho procuramos fazer da pesquisa um exercício exploratório com uma fonte de informação específica. Porém acreditamos que sua relevância não está no final e, sim, no percurso. Poder visitar outra configuração de acervo, em outro suporte e poder atribuir a estas fontes de informação todas as suas potencialidades nos demonstrou uma essência pertinente a ser refletida.

Então quando buscamos respaldos teóricos para tais reflexões, percebemos a visão pós-custodial de alguns autores que inferem a atenção da informação como fenômeno, antes de tudo, humano e social e neste contexto se cristaliza a noção de subjetividade existente nela. Também inferimos a importância da valorização da informação desde sua origem, na mente humana, até sua materialização, pois assim ela é mais sucessível em sua comunicação e durabilidade temporal e isso corroboraria em trazermos para a monografia as fontes de informação, que são, justamente, as tais informações materializadas.

Acreditamos que a situação do discurso de fontes de informação encontra-se numa fase de “transição”. Ele está migrando de um tratamento mecanicista e reducionista para um patamar mais abrangente, em que a trajetória subjetiva pela qual uma informação perpassa a enaltece por si própria e faz a profissão assumir um caráter mais social e reflexivo e não puramente técnico, caso o profissional concorde com tais conceitos.

Quando analisamos o sítio digital do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, conseguimos elencar a valorização e reconhecimento histórico que a instituição dá ao seu cemitério, com a realidade de outras necrópoles, como é o caso do Cemitério da Recoleta na Argentina, Cemitério do Père-Lachaise na França, Cemitério São João Batista no Rio de Janeiro, entre outros. Acreditamos ser de fato interessante a instituição transmitir o valor histórico desta necrópole. Quando analisamos os roteiros de visita a fim de delimitarmos um corpus que não seguissem padrões de escolha por períodos, resolvemos analisar os túmulos de maior incidência entre roteiros. Mesmo assim percebemos que o corpus se constituiu de um período

histórico relativamente próximo (1900 a 1930) e orientado por razões políticas da época.

Nossa análise, que visava realizar um exercício metodológico acerca das fontes de informação como contribuidoras de um imaginário social, já possuía um foco específico. Este fez com que a pesquisadora tentasse sempre que possível, manter o máximo de distanciamento para não deixar suas opiniões pessoais interferirem na análise informacional do conteúdo dos túmulos. Porém nos questionamos quanto à perspectiva dos roteiros propostos pela Santa Casa pelas demais pessoas que os seguem. Todavia tal questão não será respondida na presente monografia, podendo ficar como um elemento a ser repensado em trabalhos futuros.

Com base em todo o exercício realizado e autores utilizados, acreditamos ter percebido o objeto de estudo da Biblioteconomia de maneiras diferenciadas tanto em suporte quanto em local. Acreditamos que toda a complexidade trazida pelos túmulos reflete a esfera consistente em que estes se encontram, por estarem ligados à morte e a todos os questionamentos e sentimentos que esta traz consigo. E, por fim, acreditamos que a compreensão dita fenomênica da informação tumular é o que a deixa tão complexa e interessante de ser estudada.

Todas as fontes de informação, independente de seus suportes ou sistemas de comunicação utilizados merecem respeito e igualdade de abordagem pelos profissionais da informação, que se conseguirem sempre lembrar o quão subjetivo, humano e social é o objeto com o qual estão nas mãos, deixarão sua profissão muito mais bonita, enaltecida e contribuidora para o meio social.

REFERÊNCIAS

- ALVES, José Francisco. **A escultura pública de Porto Alegre: história, contexto e significado**. Porto Alegre: Artfólio, 2004. 262 p.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Integração epistemológica da Arquivologia, da Biblioteconomia e da Museologia na Ciência da Informação: possibilidades teóricas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 12, 2011, Brasília/DF. **Anais eletrônicos..**, Brasília, DF: IBICT, 2011. Disponível em: < casal.eci.ufmg.br/?download=Artigo%20Enancib%202011.pdf> . Acesso em: 12 set. 2012.
- ARAÚJO, Thiago Nicolau de. **Túmulos celebrativos de Porto Alegre: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889 – 1930)**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008. 96p.
- ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente** : da idade média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.304 p.
- BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. **Os monumentos funerários da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950)**. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de Pelotas. Programa de Pós-Graduação em memória Social e Patrimônio Cultural, Pelotas, 2010, 169 f. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/ich/ppgmp/v0301/wpcontent/uploads/2012/05/BASTIA B>> . Acesso em 12 set. 2012.
- BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade e ideologia**. 2. ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008, 280p.
- BELLOMO, Harry Rodrigues. A arte funerária. In: _____. (Org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade e memória**. 2. ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008, p. 13-22.
- BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin**. São Paulo: USP, 1994.424p.
- BORGES, Maria Elizia. Manifestações artísticas contemporâneas em espaços convencionais (cemitérios secularizados). In: COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 24, 2005, Minas Gerais, **Anais eletrônicos...** Minas Gerais: UFMG, 2005. Disponível em: <<http://www.artefunerariabrasil.com.br/admin/upload/artigos/manifestacoes%20artisti as%20contemporaneas.pdf>> . Acesso em: 10 out. 2012.
- BRIGADA MILITAR DO RIO GRANDE DO SUL. **Cel Affonso Emílio Massot: patrono da Brigada Militar**. 2012. Disponível em: <

<http://www.brigadamilitar.rs.gov.br/Historia/CelMassot.aspx> . Acesso em: 10 out. 2012.

CAMPELLO, Bernadette; CALDEIRA, Paulo da Terra. **Introdução às fontes de informação**. 2. ed. Belo Horizonte : Autêntica, 2008. 181 p. : il.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke. **A antiguidade clássica na representação do feminino: pranteadoras do Cemitério Evangélico de Porto Alegre (1890-1930)**. 2009. 256 f. Dissertação (Mestrado em História, Teoria e Crítica da Arte)-Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/15708>> .Acesso em: 10 ago. 2012.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999. 172 p.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Manual de fontes de informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2010. 182 p.

CUTY, Jeniffer Alves. **Cinema e cidade: Porto Alegre entre a lente e a retina**. 2006. 184 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional e os Processos Sociais)-Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/7278>> . Acesso em : 14 out. 2012.

DEBASTIANI, Aline Matte. **Obras de arte como fonte de informação: uma análise da verossimilhança das informações contidas em obras pictóricas que representam o Estado do Rio Grande do Sul**. 2012. 92 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Biblioteconomia)-UFRGS, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/54309>> Acesso em: 02 out. 2012.

DIAS, Maria Matilde Kronka; PIRES, Daniela. **Fontes de informação : um manual para cursos de graduação em biblioteconomia e ciência da informação**. São Carlos, SP : EdUFSCar, 2005. 105 p.

DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuários, catolicismo e gauchismo**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2002.

ELUAN, Andrenizia Aquino; MOMM, Christiane Fabíola; NASCIMENTO, Jucimara Almeida. A sistemática do uso de fontes de informação para a pesquisa científica. **Informação & sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 18, n. 2, 2008. Disponível em: < <http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000005045&dd1=01b32>> . Acesso em: 08 out. 2012.

FERREIRA, Rubens da Silva; COSTA, Érica Elaine. Compreendendo a imigração espanhola no Pará (1866-1899): um estudo a partir das passagens grátis como fontes de informação. **Transinformação**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 51-61, jan./abr. 2011.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Dicionário político do Rio Grande do Sul: 1821-1937**. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2010. 222 p.

GIL, Antonio Carlos. **Estudo de caso: fundamentação científica – subsídios para coleta e análise de dados – como redigir o relatório**. São Paulo: Atlas, 2009. 148 p.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da História**. 3. ed. Rio de Janeiro: 1978. 341 p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Origem histórica dos cemitérios**. São Paulo: Secretaria de Serviços e Obras da Prefeitura Municipal de São Paulo, 1977. 55 p.

MOTTA, Antônio. **À flor da pedra: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros**. Recife : Fundação Joaquim Nabuco, c2009. 202 p.

PESAVENTO, S. J. A cidade maldita. In: SOUZA, C. F. de; PESAVENTO, S. J. (Org.). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: 2008, p. 25-38.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O desfazer da ordem fetichizada : Walter Benjamin e o imaginário social. **Cultura vozes**. Rio de Janeiro, Vol. 89, n. 5, set./out. 1995, p. 34-44.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. 2.ed. Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2002. 393 p.

POMIAN, Krzystof. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2000, v. 42, p. 507-516.

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PORTO ALEGRE. **O cemitério atual**. 2012. Disponível em: <<http://cemiteriosantacasa.com.br/sobre-cemiterio/o-cemiterio-atual/125.aspx>> . acesso em: 09 jun. 2012.

SILVA, Armando Malheiro da. **A informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico**. Porto: Afrontamento, 2006. 176 p.

SILVA, Sérgio Roberto Rocha da. Matteo Tonietti e a tipologia zoomórfica em Rio Grande. In: BELLOMO, Harry Rodrigues. (Org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade e memória**. 2. ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008a, p. 159-168.

SILVA, Sérgio Roberto Rocha da. **Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis (1900-1940): monumentos, heróis e imaginário**. 2008. 377 f. Tese (Doutorado)

em História)-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008b. Disponível em: <
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=138606> . Acesso em: 12 ago. 2012.

SILVEIRA, Tatiana de Carvalho. A escultura funerária no Rio Grande do Sul: política e ideologia (1900-1950). In: BELLOMO, Harry Rodrigues. (Org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade e memória**. 2. ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008 a, p. 123-143.

TAMBARA, Elomar. Positivismo e educação no Rio Grande do Sul. In: GRAEBIN, Cleusa Maria G.; LEAL, Elisabete. (Org.). **Revisitando o Positivismo**. Canoas: La Salle, 1998. p. 171-182.

VILLASEÑOR RODRIQUES, Isabel. Los instrumentos para la recuperación de La información: las fuentes. In. RAMÍREZ, Isabel de Torres. **Las fuentes de información: estúdios teórico-práticos**. Madrid: Síntesis, 1998. p. 29-42.

WILKOSZYNSKI , Artur do Canto. **Imagens da arquitetura: narrativas do espaço urbano em Porto Alegre**. 2006. 269f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)-Faculdade de Arquitetura, Porto Alegre, 2006. Disponível em:<
<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000569332&loc=2007&l=34887b97a2fa1d8f>> . Acesso em :10 set. 2012

ANEXO A – Roteiro religioso

Roteiro religioso

Na trajetória da humanidade, todas as épocas e todos os povos foram testemunhas de manifestações religiosas. O mistério, a lenda e a tradição foram as primeiras origens do sentimento religioso, que se expressa por um conjunto de pensamentos, atos e sentimentos que estabelecem a relação entre o homem e Deus. Suas evidências estão na prática da crença que se mostra pelo culto, pela devoção e pela reverência. Culturalmente foram criados signos e símbolos que manifestam as interrogações sobre o sobrenatural, assim como sobre o destino das almas. O Cemitério da Santa Casa é rico em alegorias e representações religiosas que permitem a compreensão das ideias e concepções de vida da sociedade local e regional.

A simbologia cristã ou a de outros credos guarda significados que podem ser observados nas esculturas presentes na necrópole da Santa Casa. Ali estão a cruz, os anjos e as “anjas”, as imagens de santos, as de Nossa Senhora e do Sagrado Coração de Jesus, as “pietás”, a pomba do Divino Espírito Santo, as alegorias da fé, esperança e caridade.

Este roteiro inclui:

1. Anjo da saudade - Jazigo perpétuo da família Luiz F. Antunes (27/04/1922), 1º quadro, sepultura 59, esquerda.
2. Cristo ressuscitando Lázaro - Jazigo perpétuo da família Costa (sem data), 1º quadro, sepultura 57, esquerda.
3. Cristo batendo a porta - Jazigo perpétuo da família Cel. João Ignácio Soares (17/02/1934), 1º quadro, sepultura s/nº, esquerda.
4. Sagrado Coração de Jesus – Jazigo perpétuo da família Rizzo (sem data), 1º quadro, esquerda.
5. Sagrado Coração de Jesus - Jazigo perpétuo da família Alfredo Mello (20/04/1935), 1º quadro, sepultura 49, esquerda.
6. Pelicanos - Jazigo perpétuo da família Antenor Amorim (sem data), 1º quadro, sepultura 343, esquerda.
7. Cristo ressuscitando Lázaro - Jazigo perpétuo da família Honorato S. Marques (1929), 1º quadro, sepultura 353, esquerda.
8. Pietás - Jazigo perpétuo da família Cel. Antônio Gomes de Carvalho (sem data), 1º quadro, sepultura 27, esquerda.
9. Anjo da saudade - Jazigo perpétuo da família Antonio R. Vasconcellos (sem data), 1º quadro, sepultura 21, esquerda.
10. Anjos - Jazigo perpétuo da família Fernandes (sem data), 1º quadro, sepultura 119, esquerda.
11. Santo Antônio - Jazigo perpétuo de Giacomo Bernardi (03/09/1936), 1º quadro, sepultura 56, direita.
12. Anja do Juízo Final / pelicanos - Jazigo perpétuo da família Pedro Ellera (sem data) – cópia de obra italiana de Monteverdi feita pelo escultor Lonardi, 1º quadro, sepultura 40, direita.
13. Pietás - Jazigo perpétuo da família Julio M. da Silva Só (1932), 1º quadro, sepultura 96, direita.
14. Cristo ressuscitado - Jazigo perpétuo da família Chaves Barcellos (sem data) – escultor André Arjonas, 1º quadro, sepultura 124-126, direita.
15. Pomba do Divino Espírito Santo - Jazigo perpétuo da família Luz (sem data), 1º quadro, sepultura 198, direita.
16. Vigário José Ignácio - Jazigo perpétuo do Padre José Ignácio de Carvalho e Freitas (01/07/1877), 4º quadro, corredor central, direita.

Fonte: SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PORTO ALEGRE. **Roteiro religioso**. 2012. Disponível em: < <http://cemiteriosantacasa.com.br/museu-ceu-aberto/roteiro-religioso/109.aspx>> . acesso em: 09 jun. 2012.

ANEXO B – Roteiro cívico celebrativo

Roteiro cívico celebrativo

A história celebrativa evoca personagens como figuras representativas de um lugar. A eles é dada a responsabilidade por grande feitos, obras e ações que os destacam no imaginário social. Alguns estão preservados na memória como patronos de instituições ou nomes de ruas. Outros estão relacionados a datas que o calendário registra por seu significado ou são recordados em feriados. Com a morte, emerge a exaltação e seus túmulos se transformaram em espaços de celebração. Para as novas gerações, os signos de representação inscritos, esculpidos ou arquitetados em seus túmulos se revelam como lições e testemunho de reconhecimento.

No Cemitério da Santa Casa, encontram-se importantes exemplos de uma história-celebração, marcas da identidade que formou o Rio Grande do Sul, estado delineado pelas especificidades de seu passado. A necrópole reúne nomes de relevância política e militar da Capital gaúcha e do Rio Grande do Sul.

Este roteiro inclui:

1. Otávio Rocha (1877-1928) - Túmulo 4, 1º quadro (direita), feito por Casa Aloys. Otávio Francisco da Rocha, militar, engenheiro, educador, político e jornalista.
2. Emílio Massot (1865-1925) - Túmulo 14, 1º quadro (direita), feito por A Graniteira Piatelli e irmão. Affonso Emílio Massot, patrono da Brigada Militar.
3. Maurício Cardoso (1888-1938) - Mausoléu 118, 1º quadro (direita), escultor Caringi. Joaquim Maurício Cardoso, advogado e político.
4. Francisco de Paula Brochado da Rocha (1910-1962) - Jazigo perpétuo, 257 a 269, 1º quadro (esquerda). Advogado, professor e político.
5. Júlio de Castilhos (1860-1903) - Mausoléu, corredor central (esquerda). Júlio Prates de Castilhos, jornalista e político.
6. Coronel Bordini (1810-1884) - Mausoléu 5, corredor central (esquerda). João Carlos Augusto Bordini, militar, banqueiro e político.
7. Pinheiro Machado (1851-1915) - Mausoléu, corredor central (esquerda). José Gomes Pinheiro, advogado e político.
8. Plácido de Castro (1873-1908) - Túmulo 591, corredor central (esquerda). José Plácido de Castro, político e militar.
9. Daltro Filho (1882-1938) - Mausoléu, corredor central (esquerda) Manuel de Cerqueira Daltro Filho, militar e político.

Fonte: SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PORTO ALEGRE. **Roteiro cívico celebrativo**. 2012. Disponível em: <
<http://cemiteriosantacasa.com.br/museu-ceu-aberto/roteiro-civico-celebrativo/108.aspx>> . acesso em: 09 jun. 2012.

ANEXO C – Roteiro político

Roteiro político

A história política do Rio Grande do Sul é rica e singular. Esse é o olhar e o entendimento, inclusive, dos que abordam, pesquisam e estudam a trajetória das relações de poder no Brasil. A política gaúcha é reconhecida por suas especificidades e peculiaridades, que a distingue das trajetórias de outros estados. A bipolaridade e o confronto entre os grupos opositores fizeram do espaço regional, ao longo do século XIX e das primeiras décadas do XX, sobretudo, um animado palco de cisões, de guerras e conflitos militares.

Situados como conservadores ou liberais, no Império, e pica-paus ou maragatos, depois chimangos ou maragatos, na República, representações de suas lideranças se encontram no Cemitério da Santa Casa, cujos exemplos tumulares ilustram a configuração do cenário político da cidade e do Estado.

Este roteiro inclui:

1. Félix da Cunha (1833-1865) – Panteão.
Félix Xavier da Cunha, poeta, advogado, jornalista, escritor e político.
2. Otávio Rocha (1877-1928) - Túmulo 4, 1º quadro (direita), feito pela Casa Aloys.
Otávio Francisco da Rocha, militar, engenheiro, educador, político e jornalista.
3. Emílio Massot (1865-1925) - Túmulo 14, 1º quadro (direita), feito por A Graniteira Piatelli e irmão.
Affonso Emílio Massot, patrono da Brigada Militar.
4. Borges de Medeiros (1863-1961) - Túmulo 316, 1º quadro (direita) emprestado da Família Sinval Saldanha, seu genro.
Antônio Augusto Borges de Medeiros, advogado e político.
5. Maurício Cardoso (1888-1938) - Mausoléu 118, 1º quadro (direita), escultor Caringi.
Joaquim Maurício Cardoso, advogado e político.
6. Júlio de Castilhos (1860-1903) - Mausoléu, corredor central (esquerda).
Julio Prates de Castilhos, jornalista e político.
7. Coronel Bordini (1810-1884) - Mausoléu 5, corredor central (esquerda).
João Carlos Augusto Bordini, militar, banqueiro e político.
8. Pinheiro Machado (1851-1915) - Mausoléu, corredor central (esquerda).
José Gomes Pinheiro, advogado e político.
9. Plácido de Castro (1873-1908) - Túmulo 591, corredor central (esquerda).
José Plácido de Castro, político e militar.
10. Protásio Alves (1858-1933) - Túmulo, 3º quadro.
Protásio Antônio Alves, médico e político.
11. Firmino Paim Filho (1884-1971) - Túmulo, 3º quadro.
Firmino Paim Filho, advogado, banqueiro, fazendeiro, industrial e político.

Fonte: SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PORTO ALEGRE. **Roteiro político**. 2012. Disponível em: < <http://cemiteriosantacasa.com.br/museu-ceu-aberto/roteiro-politico/105.aspx> > . acesso em: 09 jun. 2012.

ANEXO D – Roteiro positivista

Roteiro positivista

O positivismo é um sistema de ideias concebido pelo francês Augusto Comte no século XIX. Sua difusão se deu em diversos âmbitos: político, cultural e intelectual. Atingiu ainda diferentes disciplinas, como Economia, Religião, Filosofia, Medicina, História, Geografia, Literatura e Arquitetura. O positivismo religioso foi também uma de suas vertentes. Porto Alegre, inclusive, possui, na Avenida João Pessoa, próximo a Avenida Venâncio Aires, um dos raros templos positivistas existentes no Brasil.

No Rio Grande do Sul, na virada do século XIX para o XX, o positivismo ganhou repercussão, sobretudo entre os partidários do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Júlio de Castilhos retirou do comtismo ideias para a formulação política de funcionamento do estado, que foi assimilada por Borges de Medeiros e seus seguidores. A identidade da República Velha Gaúcha no Estado se confunde com o “positivismo castilho-borgista”, um fenômeno histórico que esteve presente até a década de 1920, e que serviu para frear dissidências, mas também animar conflitos, como as revoluções de 1893 e de 1923. O Cemitério da Santa Casa é o único da cidade que reúne exemplares de mausoléus e túmulos que expressam na escultura, arquitetura e em epitáfios a presença positivista, eternizando, através da memória, o vigor dessa doutrina na sociedade gaúcha.

Este roteiro inclui:

1. Otávio Rocha (1877-1928) - Túmulo 04, 1º quadro (direita), feito por Casa Aloys. Otávio Francisco da Rocha, militar, engenheiro, educador, político e jornalista.
2. Emílio Massot (1865-1925) - Túmulo 14, 1º quadro (direita), feito por A Graniteira Piatelli e irmão.
Affonso Emílio Massot, patrono da Brigada Militar.
3. José Montauray (1858-1939) - Túmulo 90, 1º quadro (direita).
José Montauray de Aguiar Leitão- engenheiro e político.
4. Borges de Medeiros (1863-1961) - Túmulo 316, 1º quadro (direita) emprestado da Família Sinval Saldanha, seu genro.
Antônio Augusto Borges de Medeiros, advogado e político.
5. Júlio de Castilhos (1860-1903) - Mausoléu, corredor central (esquerda).
Julio Prates de Castilhos, jornalista e político.
6. Pinheiro Machado (1851-1915) - Mausoléu, corredor central (esquerda).
José Gomes Pinheiro, advogado e político.
7. Barros Cassal (1858-1903) - Túmulo 296, 4º quadro (direita)
João de Barros Cassal, jornalista e político.
8. Ramiro Barcelos (1851-1916) - Túmulo 1169, 5º quadro (esquerda).
Ramiro Fortes de Barcelos, político, escritor, jornalista e médico na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.
9. Frederico Westphalen (1876-1942) - Túmulo 649, 3º quadro (esquerda)
Engenheiro e político.
10. Protásio Alves (1858-1933) - Túmulo, 3º quadro.
Protásio Antônio Alves, médico e político.

Fonte: SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PORTO ALEGRE. **Roteiro positivista**. 2012. Disponível em: < <http://cemiteriosantacasa.com.br/museu-ceu-aberto/roteiro-positivista/107.aspx> > . acesso em: 09 jun. 2012

ANEXO E – Roteiro de história social

História social

Toda a sociedade que se apresenta na história está alicerçada por uma ordem social. A expressão das diferenças e das contradições entre seus grupos e classes é evidente pelas condições materiais de que são portadoras. Essa realidade é rerepresentada no espaço cemiterial. Ele se constitui em cenário portador de referências e explicações das relações humanas e do funcionamento da sociedade, pois, afinal, o cemitério reproduz o fenômeno social e seu movimento.

Na verdade, é visível neste lugar as condições de vida dos que nele estão sepultados. E o Cemitério da Santa Casa traduz com realismo a trajetória da sociedade porto-alegrense e dos que vindos de outras comunidades, nele encontraram acolhimento. Mais ainda, ricas e multifacetadas histórias podem ser aprendidas em seu espaço, desde o contato com os primeiros quadros, ricamente adornados, até o Campo Santo, marcado pela simplicidade e total despojamento. Da história social observada, é notório que o Cemitério da Santa Casa acolhe a todos, indistintamente, se impondo no espectro da cidade como um dos seus espaços mais democráticos e portador de cidadania.

Este roteiro inclui:

1. Ismael Chaves Barcelos - Túmulo 124 a 126, 1º quadro (direita).
Fazendeiro, indrustríário.
2. João Leite Filho - Mausoléu 134, 1º quadro (direita).
Fazendeiro e capitalista.
3. Família Difini - Mausoléu 10, corredor central (direita), feito pelo artista José Floriani Filho.
Expoentes da colônia italiana em Porto Alegre. Joaquim Difini, presidente do Sport Club Internacional.
4. Luiz Leseigneuer (sem data) - Mausoléu 9, corredor central (esquerda), feito pela Casa Aloys.
Engenheiro.
5. Eduardo Secco (-1939) - Mausoléu 6, corredor central (direita), feito pela Casa Aloys.
Comerciante.
6. Mostardeiro (1831-1893) - Mausoléu, corredor central.
Antônio José Gonçalves Mostardeiro, comerciante.
Dona Laura (1835-1906).
Laura Rasteiro Mostardeiro (sem data)
7. João Ferreira Porto (-1883) - Mausoléu, corredor central.
Comerciante.
8. Veador Porto (1807-1881) - Túmulo 30, 2ºquadro (direita).
José Ferreira Porto, comerciante.
9. Barão do Cahy (1817 -1884) - Túmulo 12, corredor central (direita).
Francisco Ferreira Porto, comerciante.
10. Conde de Porto Alegre (1804-1875) - Mausoléu, corredor central.
Manuel Marques de Sousa, nobre e militar.
11. Visconde de Pelotas (1824-1893) - Capela 5, 3º quadro.
Segundo Visconde - José Antônio Correia da Câmara, militar e político.
12. Família Rocco Irace - Túmulo, corredor central, feito pela Casa Floriano.
Comerciantes.
13. Barão de Nonoai (1828 -1897) - Túmulo 758, 4º quadro.
João Pereira de Almeida, nobre e militar.
14. Barão do Gravataí (1797-1853) - Túmulo, corredor central.
João Baptista da Silva Pereira, militar.
- Baronesa do Gravataí (1802-1888)
Maria Emília de Menezes.
15. Barão do Guaíba (1813-1902) - Capela 34, 4º quadro.
Segundo Barão de Guaíba, Manuel José de Campos- médico e político.
16. Barão de São Borja (1816-1877) - Túmulo, 4º quadro.
Vitorino José Carneiro Monteiro, militar e nobre.

17. Barão de Camaquã (1822 -1893) - Túmulo 718, 4º quadro.
Salustiano Jerônimo dos Reis, militar e nobre.

Fonte: SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PORTO ALEGRE. **História social**. 2012. Disponível em: < <http://cemiteriosantacasa.com.br/museu-ceu-aberto/historia-social/106.aspx> > . acesso em: 09 jun. 2012.